



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

O ESPAÇO POP E SUA RELAÇÃO COM AS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

Fabíola Freitas Ramos
Orientador: Prof. Dra. Ivette Kafure Muñoz

Brasília
2019

Fabíola Freitas Ramos

O ESPAÇO POP E SUA RELAÇÃO COM AS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dra. Ivette Kafure Muñoz

Brasília

2019

R175b

RAMOS, Fabíola Freitas.

O Espaço POP e sua relação com as atividades biblioterapêuticas / Fabíola Freitas Ramos. – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2019.

65 f. : il.

Orientadora: Prof. Dra. Ivette Kafure Muñoz

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Biblioterapia 2. Espaço POP 3. Bibliotecário 4. Leitura 5. Atividades Biblioterapêuticas I. Título.



Título: “ O Espaço POP e sua relação com as atividades biblioterapêuticas”.

Aluna: Fabíola Freitas Ramos.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 28 de junho de 2019.

Ivette Kafure Muñoz - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Rita de Cássia do Vale Caribé - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Tiago Barros Pontes e Silva - Membro
Professor do Departamento de Design da Universidade de Brasília (UNB)
Doutor em Artes

Dedico aos meus pais, Iracelir e Francisco, pois se não fosse por eles eu não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento e de saber que sem ajuda não vamos longe.

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois se não fosse por Ele eu não estaria aqui. Agradece-lo por permitir que eu ingressasse nesta universidade e neste curso incrível, e por ter me dado forças todos esses anos quando por várias vezes pensei em desistir.

Aos meus pais, Francisco e Iracelir, que abriram mão de tanta coisa para permitir a mim e ao meu irmão o estudo. Obrigada pelo apoio que vocês sempre nos deram, sem vocês tenho certeza que também não teria ido tão longe. Agradeço também ao meu irmão Ítalo, que sempre fica me fazendo sorrir por meio de brincadeiras permitindo que eu me distraísse quando estava sobrecarregada.

Ao meu melhor amigo, meu companheiro e amor, Gabriel Mozart. Tudo seria bem mais difícil se você não estivesse ao meu lado. Sou eternamente grata, pois através da UnB e do estágio na BCE eu pude te conhecer. Você me ajudou em um momento extremamente difícil e complicado e sempre continuou ao meu lado. Obrigada pela paciência que teve comigo durante esse processo da monografia, nunca vou esquecer seu cuidado, companheirismo e amor.

Às minhas grandes amigas, Victória e Thaís, presentes que a universidade me trouxe. Vocês ajudaram a enfrentar os problemas acadêmicos com mais leveza. Obrigada por sempre estarem lá nos momentos de felicidade e também de tristeza, por sempre me consolarem quando eu estava chorando e pelos conselhos valiosos. Eu quero levar vocês comigo por toda a minha vida. À minha amiga Priscyla, que também pude conhecer através do estágio na BCE. Você tem sido muito companheira e sempre que precisei você estava lá para me ouvir.

À Luana e Raquel, servidoras do TJDFT, outro lugar que tive o privilégio de estagiar. Obrigada por todo ensinamento e força que vocês me deram, pelas dicas de concurso e por compartilhar as suas histórias de vida, sempre me motivando. Agradeço também à Ana Patrícia, minha querida chefe de estágio na Câmara dos Deputados, por todo seu carinho, ensinamento e força nesse momento.

Aos professores da FCI por todo conhecimento proporcionado, vocês são inspirações para mim. Ao Reginaldo que por diversas vezes me ajudou em questões acadêmicas. Um agradecimento especial à minha orientadora Ivette por sua

paciência, carinho e pelas ideias quando eu não sabia mais sobre o que escrever. Obrigada por ter me aceito como orientanda.

Gostaria de agradecer também à Thaís Saager e ao Romélio Lemos, responsáveis pelo Espaço POP na BCE, por aceitarem de braços abertos nossa proposta de pesquisa sobre o local e por exercerem tão bem o papel social do bibliotecário.

Por último, gostaria de agradecer à Universidade de Brasília, pois nos últimos cinco anos tenho vivido aqui momentos inesquecíveis, a UnB se tornou a minha segunda casa, eu só tenho a agradecer por esse lugar maravilhoso.

*As palavras de um livro podem sarar feridas
e alimentar a esperança.*

Marina Colasanti

RESUMO

A pesquisa retrata as definições, os objetivos, o histórico e algumas aplicações da biblioterapia. Também mostra como o bibliotecário tem influência e como ele pode atuar nessa área. A pesquisa mostra como a leitura poderia afetar de forma positiva a vida de uma pessoa com problemas físicos e psicológicos. É abordado como a biblioterapia pode ser aplicada de forma lúdica e com outros materiais além dos livros. É apresentado o Espaço de Pesquisa e Oficina Pagu (Espaço POP), localizado na Biblioteca Central do Estudante na Universidade de Brasília (BCE/UnB), com o objetivo de mostrar como ele tem ajudado a comunidade a se sentir melhor por meio dos materiais oferecidos por eles e dos clubes de leitura, relacionando então com as atividades biblioterapêuticas.

Palavras-chave: Biblioterapia; Bibliotecário; Espaço POP; Leitura; Bem-estar.

ABSTRACT

The present research portrays definitions, objectives, history and some applications of bibliotherapy. It also shows how the librarian has influence and how he can act in that area. The research shows how reading could affect positively the life of a person with physical and psychological problems. It approaches how bibliotherapy can be applied playfully and with other materials than books. It's presented the Espaço de Pesquisa e Oficina Pagu (Espaço POP), located in Biblioteca Central do Estudante da Universidade de Brasília (BCE/UnB), with the goal to show how it has helped the community to feel better through the materials offered by them and the clubs reading, relating to the bibliopharmaceutical activities.

Keywords: Bibliotherapy; Librarian; Espaço POP; Read; Well-being.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Entrada do Espaço POP	30
Figura 2 – Espaço POP visto da entrada da BCE	30
Figura 3 – Parte do acervo de histórias em quadrinhos do Espaço POP	32
Figura 4 – Parte do acervo dos jogos de tabuleiro do Espaço POP	33
Figura 5 – Sala do serviço de streaming Netflix no Espaço POP	34
Figura 6 – Primeiro HQ Club	42
Figura 7 – Reunião HQ Club	42
Gráfico 1 – Curso dos usuários	37
Gráfico 2 – Semestre dos usuários	38
Gráfico 3 – Frequência de uso do Espaço POP	38
Gráfico 4 – Turno de uso do Espaço POP	38
Gráfico 5 – Localização	39
Gráfico 6 – Uso e participação	40
Gráfico 7 – Conhecimento sobre a biblioterapia	41
Gráfico 8 – Curso e semestre	43
Gráfico 9 – Frequência de uso	43
Gráfico 10 – Hábito de leitura de HQs	44
Gráfico 11 – Frequência em clubes de leitura	45
Gráfico 12 – Conhecimento sobre a biblioterapia	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições dos dicionários sobre biblioterapia	20
Quadro 2 – Histórico da biblioterapia	23
Quadro 3 - Métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE – Biblioteca Central do Estudante

C.A – Centro Acadêmico

Espaço POP* – Espaço de Pesquisa e Oficina Pagu

HQ Club – Clube de Leitura de História em Quadrinhos

HQs – Histórias em Quadrinhos

RPG – Role-Playing Game

Semuni – Semana Universitária

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

* Pode ser nomeado Espaço POP e também Espaço P.O.P.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Definição do problema e justificativa.....	16
1.2	Objetivo geral.....	17
1.3	Objetivos específicos.....	17
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1	O que é biblioterapia?.....	18
2.2	Histórico	21
2.3	Tipos de Biblioterapia	24
2.4	Campos de aplicação da biblioterapia	25
2.5	Componentes biblioterapêuticos	26
2.6	A atuação do bibliotecário na biblioterapia.....	27
2.7	Mediação da leitura.....	29
3	ESPAÇO POP – BCE.....	30
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
5	RESULTADOS	37
5.1	Usuários do Espaço POP.....	37
5.2	Usuários do HQ Club.....	42
5.3	Questionário com os responsáveis pelo Espaço P.O.P.....	47
5.4	Observação participante.....	49
6	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	50
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE.....	58
	ANEXO	61

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem o propósito de mostrar o que significa a biblioterapia, seu marco histórico, objetivos e aplicações, visto que é uma atividade recorrente desde os tempos antigos. Ele também tem a finalidade de mostrar como o profissional bibliotecário pode atuar e colaborar nas atividades biblioterapêuticas.

O livro, dentre outros materiais bibliográficos, tem o poder de afetar positivamente o interior das pessoas trazendo ânimo, bem-estar e facilidade de socialização. Por isso, ele tem se tornado um importante aliado para psiquiatras, médicos, bibliotecários e educadores para usá-los como forma de tratamento e auxílio para pacientes, pessoas que sofrem com algum transtorno psicológico e também pessoas que passam por stress ou problemas causados pelo cotidiano.

Com esse trabalho será apresentadas definições mais aprofundadas sobre o termo “biblioterapia”, indo além de seu significado etimológico, que como Ouaknin (2002) define, é a junção de duas palavras gregas biblio (livro) + therapeia (terapia). Também será mostrado como o uso do livro como terapia foi crescendo ao longo da história.

Apesar de a biblioterapia ter seu lado clínico e ser comumente aplicada em hospitais como forma de tratamento ela pode ser oferecida em escolas e bibliotecas para ajudar pessoas com problemas pessoais e sociais. Seguindo esse pensamento no presente trabalho é realizado um estudo de caso no local Espaço P.O.P., aberto recentemente na BCE/UnB, no qual são realizados mensalmente clubes de leituras e também oferecidos jogos de tabuleiro e uma sala com acesso à rede de *streaming* Netflix. Esses serviços possibilitam que o aluno da Universidade – e também membros externos – possam ter um meio de relaxamento e descanso entre as aulas e/ou outros afazeres.

Ao ser apresentado a biblioterapia e o Espaço POP, é possível analisar se esse conjunto de atividades oferecidas pelo local tem relação com a biblioterapia de forma lúdica, ou seja, se podem ser consideradas atividades biblioterapêuticas.

1.1 Definição do problema e justificativa

A biblioterapia surgiu com o objetivo de contribuir para a solução e alívio dos problemas pessoais por meio da leitura. Muitas pessoas que enfrentam problemas físicos, sociais e psicológicos têm a possibilidade de encontrar conforto nas atividades biblioterapêuticas. Além disso, ela pode ser utilizada como prevenção e também propiciar bem-estar.

De acordo com Castro e Pinheiro (2005, p.3), a biblioterapia “constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”. É possível perceber o lado social da biblioterapia, proporcionando uma evolução pessoal e também interação social.

Como além da Medicina e da Psicologia, a biblioterapia pode ser considerada um ramo da Biblioteconomia. Dessa forma, ela se torna um campo em que o bibliotecário pode atuar como mediador e também como o responsável por fazer a seleção dos materiais utilizados nas atividades biblioterapêuticas.

No período acadêmico, os alunos também passam por estresse e a biblioterapia pode auxiliar essas pessoas.

[...] é sabido que os estudantes universitários passam por momentos de mudança, desenvolvimento, frustração, crescimento, temores e angústias. Assim, o ambiente que contribuiria na edificação do conhecimento e ser a base para as suas experiências de formação profissional se torna, por vezes, o desencadeador de distúrbios patológicos, quando ocorre uma exacerbação da problemática do estresse acadêmico nos estudantes (MONTEIRO; FREITAS; RIBEIRO, 2007, p. 67).

Sabendo disso, é possível que as pessoas que passam por esses problemas acadêmicos, ou até mesmo pessoais, podem encontrar refúgio na própria universidade. A UnB conta com um local na sua biblioteca com atividades lúdicas e um acervo diferente que possui história em quadrinhos, jogos, filmes e clubes de leitura, o Espaço POP.

Com base nisso, as atividades oferecidas pelo Espaço POP podem ser consideradas biblioterapêuticas influenciando e ajudando as pessoas em suas realizações cotidianas?

1.2 Objetivo geral

Analisar a maneira como a biblioterapia e o Espaço POP são práticas de interação com a leitura auxiliando de maneira lúdica no bem-estar das pessoas.

1.3 Objetivos específicos

- Descrever os conceitos, históricos e objetivos da biblioterapia;
- Investigar o papel do bibliotecário nas atividades biblioterapêuticas;
- Acompanhar o trabalho oferecido pelo Espaço P.O.P.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo são apresentados os conceitos relacionados ao desenvolvimento do trabalho. É abordada a cerca das definições da biblioterapia, seguido de seus objetivos e seu histórico. Logo mais, é falado sobre os tipos e os campos no qual a biblioterapia pode ser aplicada, junto com seus efeitos terapêuticos. Seguindo tratando a cerca da importância do papel do bibliotecário nessa área.

2.1 O que é biblioterapia?

A biblioterapia possui diversas definições, sendo a mais comum delas a junção de seu significado etimológico. Segundo Ouaknin (2002), ao juntar as duas palavras gregas *biblio*, que significa livro, e *therapeia*, sendo a terapia, obtém-se o conceito que a biblioterapia é a terapia por meio dos livros. Entretanto, ela possui um sentido mais amplo. De acordo com Silveira e Bortolin (2015), esse processo terapêutico não precisa ser necessariamente apenas por meio dos livros, mas também por outras atividades que envolvem a leitura, como por exemplo, textos, contos e anedotas, não precisando estar em um suporte de livro.

McCulliss (2012) define biblioterapia como uma ferramenta clínica utilizada por profissionais da saúde por meio da prescrição de leitura ou material audiovisual, além de discussões e atividades com os pacientes tendo o objetivo de trazer reflexão e crescimento interior. Ela também afirma que o termo biblioterapia foi utilizado pela primeira vez por Samuel McChord Crothers, em 1916. De acordo com a autora, Samuel afirmava que “o termo era usado para descrever literatura usada no aconselhamento de pessoas que sofrem de doença mental” (McCULLISS, 2012, p. 23, tradução própria).

Guedes (2013) afirma que a biblioterapia remete o paciente a questões pessoais por meio de um olhar minucioso e que ocorre por intermédio de atividades constituídas na realização da leitura e interpretação, possibilitando ajudar as pessoas a enfrentar seus problemas. A prática pode ser realizada tanto em grupo como individualmente.

Em seu artigo, Seitz (2005, p. 100) define a biblioterapia como:

[...] um programa de atividades selecionadas, envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

Galen e Johns (1967) consideram a biblioterapia como uma relação entre um leitor e um livro, que deva ter a finalidade de ajudar a pessoa que está lendo a solucionar seus problemas e também desenvolver-se de forma eficiente. Os autores também afirmam que pesquisadores da área de biblioterapia concordam que as pessoas podem ser atingidas pelo que recebem, e desse modo, elas têm seus hábitos mudados por livros, pois muitos deles possuem esse poder.

A biblioterapia também é uma atividade multidisciplinar, como diz Leite (2011). Ela abrange tanto a Biblioteconomia, como também a Psicologia e a Medicina. Para a autora, trata-se de uma prática que faz uso de materiais bibliográficos e não bibliográficos com a finalidade de incentivar a leitura, a socialização e o abrandamento da dor.

Trazendo também definições obtidas mediante dicionários, pode-se observar a variação dos conceitos por eles apresentados e sintetizados no quadro 1.

Quadro 1 – Definições sobre biblioterapia encontradas em dicionários

Dicionário	Definição
<p>REITZ, Joan M. Dictionary for Library and Information Science. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2004.</p>	<p>O uso de livros selecionados com o conteúdo baseado em um programa de leitura planejada designado para facilitar a recuperação de pacientes que sofrem de doenças mentais ou distúrbio emocional. Idealmente, o processo ocorre em três fases: identificação pessoal do leitor com um personagem particular no trabalho recomendado, resultando na catarse psicológica, a qual leva a uma visão racional sobre a relevância da solução sugerida no texto para a própria experiência do leitor. É recomendado assistência de um psicoterapeuta treinado.</p>
<p>YOUNG, Heartsill. Glosario ALA de Bibliotecología y Ciencias de la Información. Espanha: Editorial Díaz de Santos, 1988.</p>	<p>Utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais.</p>
<p>BIBLIOTERAPIA. In: Dicionário Michaelis.</p>	<p>Emprego de leituras selecionadas como adjuvantes terapêuticos no tratamento de distúrbios nervosos.</p>
<p>BIBLIOTHERAPY. In: Dicionário Oxford.</p>	<p>O uso de livros como terapia em tratamentos de transtornos mentais ou psicológicos. (tradução própria)</p>
<p>BIBLIOTERAPIA. In: Dicionário Priberam.</p>	<p>Tratamento de doenças ou distúrbios psíquicos por meio da leitura e da relação do indivíduo com o conteúdo dessa leitura.</p>
<p>BIBLIOTHERAPY. In: The free dictionary.</p>	<p>Uma forma de psicoterapia de suporte com materiais de leitura selecionados cuidadosamente usados para ajudar uma pessoa a resolver problemas pessoais ou para outras finalidades terapêuticas.</p>
<p>HARROD, Leonard Montague. The librarians glossary of terms used in librarianship, documentation and the book crafts. Londres: Andre Deutsch, 1977.</p>	<p>O uso de leituras e materiais selecionados para finalidades terapêuticas na medicina física e na saúde mental.</p>

FONTE: elaboração própria

De acordo com Bryan (1939), conforme citado por Pereira (1996, p. 61), os objetivos da biblioterapia devem ser demonstrar à pessoa que, assim como ela, outras pessoas já passaram por aquele problema; fazê-la ver que existem várias possibilidades de solucionar o problema; ajudá-la a perceber as riquezas e rendimentos da experiência que ela está vivenciando; disponibilizar elementos reais para a saída do seu problema e também estimulá-la a enfrentar suas adversidades.

A biblioterapia também tem o objetivo de prevenção, disponibilizando requisitos com a competência de tornar mais brando os quadros de saúde mental e física além de proporcionar bem-estar, prevenir o desenvolvimento de doenças e trazer entretenimento com períodos de relaxamento, reflexão e lazer (FONSECA, 2014). Esses momentos possibilitam que o leitor ou paciente obtenha uma sensação de aconchego nos conflitos do dia-a-dia, fazendo-o compreender e solucionar seus problemas. Além disso, as práticas biblioterapêuticas também incentivam o costume da leitura diária. “O papel da biblioterapia é o de oferecer ao leitor um novo recurso para fugir ou enfrentar (dependendo do cenário psicológico do leitor) os transtornos de ansiedade e demais transtornos psicológicos” (BALBINOTTI, 2017, p. 6).

A partir das definições e dos objetivos apresentados observa-se que a biblioterapia é uma prática de interação entre uma pessoa e qualquer material bibliográfico, com o objetivo de melhorar o indivíduo tanto no aspecto de alguma doença como também na questão pessoal, ajudando-a a enfrentar seus anseios e suas dificuldades, transformando comportamentos de maneira positiva e tornando mais fácil solucionar os problemas individuais.

2.2 Histórico

Segundo Guedes (2013), por meio do uso da leitura como ferramenta de auxílio para a melhoria da qualidade de vida é que surgiu a biblioterapia, pois ela permite que a pessoa encare seus medos e enfrente os problemas e situações difíceis.

Alves (1982) afirma que o processo de leitura terapêutica ocorre há muito tempo atrás nas civilizações egípcias, gregas e romanas. Conforme a autora, o faraó egípcio Ramsés II, há milênios de anos mandara colocar na frente de sua biblioteca

a seguinte frase: “Remédios para a alma”. Também na abadia de São Gall, no período da Idade Média, havia a citação: “Tesouros dos remédios da alma”.

Na Grécia Antiga, Guedes (2013) diz que na Biblioteca de Tebas havia na porta o inscrito “lugar de cura da alma”, mostrando que esse recurso do uso de livros como uma forma de cura já fazia parte da cultura da época.

Conforme Pereira (1996), no período de 1802 a 1853 foram realizadas as primeiras experiências de biblioterapia por intermédio de médicos americanos. Para eles, a leitura dos livros adequadamente indicados eram as receitas mais satisfatórias.

[...] Benjamim Rush, numa conferência sobre a Construção e Administração de Hospitais, proferida em 10 de novembro de 1802, no qual lembra que para o divertimento e instrução dos pacientes de um hospital, uma pequena biblioteca deve, por todas as razões, ser parte do seu mobiliário. Recomendou também, dois tipos de leitura, aquelas que fornecem entretenimento, consistindo os livros de viagens, que ele considerava extremamente divertidos para os convalescentes e para pessoas confinadas por doenças crônicas, e, a que transmite saber, devendo versar sobre assuntos filosóficos, morais e religiosos. (PEREIRA, 1996, p. 37)

A autora Rosa (2006) alega que na França, Inglaterra e Itália, ao final do século XVIII, os livros passaram a ser usados como recurso terapêutico por doentes mentais. No século XIX, os médicos norte-americanos também passaram a utilizar os livros no tratamento de pacientes psicologicamente enfermos.

Segundo Ribeiro (2006), o pesquisador norte-americano Benjamin Rusch, em 1802, foi o primeiro a indicar o uso da leitura para as pessoas que estivessem doentes de modo geral, e apenas em 1810 ele sugeriu a Biblioterapia servisse como apoio à psicoterapia, atendendo pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, e também aos idosos.

Na Primeira Guerra Mundial, por meio de alguns bibliotecários da Cruz Vermelha, começaram a ser construídas bibliotecas nos hospitais do exército para ajudar os pacientes feridos (PEREIRA, 1996).

No ano de 1980, no Reino Unido, conforme Leite e Caldin (2017), começou-se a fazer uso dos livros de autoajuda na biblioterapia com a finalidade de transformar comportamentos negativos e também ajudar crianças que possuíssem algum problema de desenvolvimento. Nos anos 2000, também no Reino Unido, passaram a existir políticas públicas visando combater problemas de saúde mental, fazendo surgir mais programas de biblioterapia pela região.

O quadro 2, elaborado pelas autoras Leite e Caldin (2017), apresenta de forma resumida alguns acontecimentos históricos já citados acima.

Quadro 2 – Histórico da biblioterapia

Egito Antigo Grécia Antiga	Bibliotecas – “Remédios da Alma”
Século XVIII – França, Inglaterra e Itália	Primeiras bibliotecas em hospitais psiquiátricos
Século XX	Ramo da Biblioteconomia
1916 – Samuel McChord Crothers	Termo “Biblioterapia”
1980 – Reino Unido	Uso de livros de auto ajuda para mudanças comportamentais
2000 – Reino Unido	Mudanças nas políticas públicas de saúde mental; Surgem vários programas de biblioterapia.

FONTE: Leite e Caldin (2017, p.57), com adaptação.

No Brasil, a biblioterapia é mais recente. Pinto (2005) declara que as primeiras experiências foram realizadas em hospitais em São Paulo, no Instituto dos Cegos em João Pessoa, no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha na Paraíba, depois em hospitais de Belém, entre outros. A autora também afirma que o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi o pioneiro da biblioterapia ao se iniciar um projeto de pesquisa estabelecido no bloco de oncologia do Hospital Infantil Albert Sabin para crianças com câncer, continuando até Dezembro de 2000. Em 1995, Pinto (2005) também relata sobre outros projetos que foram colocados em prática em lugares como o Lar Torres de Melo, onde ficam pessoas idosas.

Em 1996, em João Pessoa, Marília Pereira começou com o trabalho da biblioterapia aplicada a pessoas com deficiência visual em bibliotecas públicas, com a finalidade de integrá-los na sociedade (GUEDES, 2013).

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) existe uma disciplina¹ optativa denominada Biblioterapia, que surgiu graças à grande pesquisadora na área Clarice Caldin, onde em uma entrevista à Sousa (2018) diz que a finalidade da sua criação era ensinar aos alunos a utilizar a leitura como uma função terapêutica. Ela apresenta os conceitos, objetivos, aplicações e os fundamentos filosóficos da biblioterapia, além de mostrar os métodos aplicados. O colegiado aprovou a

¹ Ementa da disciplina no Anexo A

disciplina em 2003 e até hoje ela é ofertada. O poder terapêutico da leitura é tão grande que, conforme a entrevista, até os alunos que cursam a matéria se sentem transformados, além de ajudá-los profissionalmente a ter uma relação mais aberta com o usuário.

2.3 Tipos de Biblioterapia

Conforme Ferreira (2003), existem três divisões da biblioterapia: a clínica, a institucional e a desenvolvimental.

A biblioterapia clínica é designada às pessoas que possuem dificuldades com comportamento social, emocional e moral. As aplicações ocorrem, principalmente, em hospitais, clínicas e organizações de saúde mental. Os profissionais responsáveis pela aplicação dos projetos biblioterapêuticos nesse ramo da biblioterapia são os psicoterapeutas, os médicos e os bibliotecários. “Seu objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamento, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado” (FERREIRA, 2003, p. 38).

A biblioterapia institucional, como afirma Pereira (1996), diz respeito ao uso da literatura didática com os clientes e é feita individualmente. Ela é realizada com a presença de um bibliotecário acompanhado de um médico. Para aperfeiçoar o conceito, esta forma de biblioterapia focaliza em “aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto” (FERREIRA, 2003, p. 38).

A biblioterapia desenvolvimental é voltada para grupos que passam por “problemas individuais como divórcio, gravidez, morte e preconceitos” (PEREIRA, 1996, p. 51). Ela ajuda esses indivíduos a suportarem seus problemas e a realizarem com mais facilidade tarefas comuns. A literatura é usada de forma imaginativa e didática. O profissional responsável pode ser o bibliotecário ou um professor. Esse tipo de biblioterapia tem o objetivo de proporcionar o desenvolvimento normal e preservar a saúde mental.

2.4 Campos de aplicação da biblioterapia

A aplicação da biblioterapia vai além de apenas hospitais e clínicas, pois ela abrange um público que não engloba somente pessoas internadas ou com problemas mentais. Como visto no tópico da tipologia da biblioterapia, ela pode auxiliar também pessoas que estão com problemas sociais e individuais. Logo, ela alcança assim outros campos de atuação. Segundo Orsini (1982 apud BUENO; CALDIN, 2002), existe o campo da medicina, o psiquiátrico, o educacional e o da correção.

No campo medicinal o livro nos hospitais, de acordo com Alves (1982), pode ser utilizado como causa de recreação e lazer e como fontes de informação para pacientes internados, para os que irão passar por tratamentos especiais ou cirurgias e também para pacientes obesos. Alguns pacientes precisam ficar um grande período no leito sem poder realizar qualquer atividade e a biblioterapia pode contribuir para o bom estado emocional do paciente (RATTON, 1975). Em relação aos idosos, a biblioterapia medicinal os ajuda na atenuação de suas preocupações, pois por meio da leitura eles obtêm consciência do seu envelhecimento pelo ponto de vista psicológico, físico e sexual.

A biblioterapia no campo psiquiátrico tem a função auxiliadora. “Grupos de leitura dirigida são organizados simultaneamente à psicoterapia” (ALVES, 1982, p. 57). A autora também afirma que foram com os doentes mentais que começaram as primeiras experiências de grupos de leitura nesse campo. Pode-se também incluir nesse grupo pessoas alcoólatras e viciados em drogas.

O campo educacional foca em crianças e adolescentes que passam por crises e que enfrentam problemas relacionados à morte familiar, separação, entre outros. O livro nessas circunstâncias tem a função de auxiliador no processo educacional (ALVES, 1982).

O campo correccional pode ser aplicado na área prisional. Caetano (2013) declara que a terapia aplicada nesse local tem a esfera da correção, com o intuito de resgatar a consciência dos limites em jovens delinquentes e adultos criminosos. Com isso, traz a sensação de liberdade para essas pessoas que estão presas. O tipo de material aplicado nesses casos deve ser de textos que estimulem a imaginação e que façam o leitor repensar suas ações e mudar seu comportamento.

2.5 Componentes biblioterapêuticos

A biblioterapia tem o poder de fazer o indivíduo se sentir comovido e traz a possibilidade de liberar as emoções. Esse efeito acontece em razão dos componentes biblioterapêuticos, sendo eles a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a introspecção e a projeção.

A catarse é o processo de liberação das emoções. Para Sousa e Caldin (2017), a catarse traz o sentimento de alívio para o indivíduo, pois ela realiza uma purificação, possibilitando o equilíbrio e a harmonia emocional. O termo catarse é provido do grego e é empregado tanto na filosofia como também na medicina, religião e literatura. “Algumas emoções podem ser liberadas como uma descarga emocional provocada por uma situação dramática” (REZENDE, 2014, p. 144).

O humor é conseguir atingir o sentimento de prazer ainda que haja experiências dolorosas. Freud (1905) diz que o humor sobressai essas experiências ruins, ou seja, ele transforma a dor em prazer, fazendo com que aconteça a rejeição de se sentir ruim e trazendo um modo de defesa contra a dor. Para Valencia e Magalhães (2016), o riso que o humor traz é fundamental e tão importante como o falar e o pensar. Essas experiências podem ser conduzidas através das sensações obtidas durante a leitura dos textos.

A identificação, como o próprio nome já diz, é o ser se identificar e se assimilar com “um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LEPLANCH; PONTALIS, 1992, p. 226-228). Graças a identificação, é possível constituir e diferenciar a personalidade.

De acordo com Leplanche e Pontalis (1992), a introjeção nada mais é que “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Está fortemente ligada com a identificação.

A introspecção é a pessoa examinar a si mesma internamente, analisando os seus pensamentos e seus sentimentos como uma forma de auto preocupação com suas próprias características (RYCROFT, 1975). Quando a pessoa analisa os seus próprios sentimentos, ela está realizando uma atividade terapêutica, podendo ver o que está errado e trazer a mudança.

Segundo Leplanche e Pontalis (1992), a projeção é o sujeito projetar aos outros, sendo pessoa ou objeto, qualidades, sentimentos e desejos que ele recusa nele. Entende-se também como a transferência das ideias, intenções e expectativas.

2.6 A atuação do bibliotecário na biblioterapia

A biblioterapia, conforme Fonseca (2014), é considerada interdisciplinar. Por causa disso, ela pode ser operada juntamente com profissionais de biblioteconomia, psicologia, medicina, serviço social e educação. A influência de cada profissional depende de onde a técnica será aplicada.

Como defende Ferreira e Garcia (2018), o bibliotecário tem a missão de prestar serviços à comunidade, sendo eles de comunicação e também de convívio direto e indireto com a sociedade formada por produtores e consumidores de informação. Além disso, o bibliotecário também resolve outros serviços ligados a informação, sendo eles a seleção, organização, disseminação e preservação (GUEDES, 2013). A autora também reforça que, apesar da profissão ser associada a bibliotecas, esses locais não precisa ser necessariamente o único ambiente profissional.

Biaggi e Valentim (2018) destacam três meios em que o bibliotecário pode atuar dentro da área da saúde, sendo eles: o bibliotecário médico, responsável por operar em instituições de ensino ou em hospitais, sem compor a equipe médica, tornando o ambiente das bibliotecas hospitalares um local ativo para prestação de serviços; o bibliotecário informacional, encarregado de mediar as equipes clínicas com a informação especializada, aplicando-as de acordo com as circunstâncias dos pacientes; e por último o bibliotecário clínico, atuando juntamente com as equipes médicas, colaborando com o tratamento dos pacientes, extraindo informações para pesquisa e atuando de acordo com as necessidades informacionais.

Fonseca (2014) também afirma que a atuação do bibliotecário nas atividades biblioterapêuticas ainda é cercada de críticas e indagações sobre os limites da aptidão do profissional e se os mesmos possuem capacidade para interferir em pessoas com problemas psicológicos. É por causa desses pontos que o bibliotecário que deseja trabalhar com essa área deve buscar formação qualificada.

Por causa disso, é recomendável que o bibliotecário não atue sozinho. É necessária a união com profissionais de outras áreas como a da saúde para buscar várias possibilidades da biblioterapia continuar cuidando da satisfação do ser humano e colaborar com o fim ou, pelo menos, abrandar os problemas de transtornos psicológicos dos indivíduos (BALBINOTTI, 2017).

Tendo em vista que o bibliotecário trabalha com um dos mais poderosos instrumentos de desenvolvimento das potencialidades humanas, que é a informação, é pertinente que ele se volte para desempenhar a sua função social como um agente democratizador da informação, por meio da sua ação mediadora da informação com a sociedade. Agindo como um educador liberal contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 94).

Para Pereira (1996), a responsabilidade do bibliotecário na função biblioterapêutica é ligada aos livros, pois ele deve cuidar da seleção, aquisição, manutenção e distribuição, além de também avaliar as atividades. O bibliotecário que atua nesses processos está exercendo seu lado social da profissão, mediando a informação e transformando os usuários (GUEDES, 2013).

Ferreira (2003) traz orientações que os bibliotecários precisam seguir para realizar as reuniões biblioterapêuticas, sendo elas:

1. Escolher um local apropriado para a prática das reuniões;
2. Ter obtido treinamento e capacitação para conduzir as discussões do grupo;
3. Formar grupos e escolher antecipadamente temas para discussão;
4. Preparar material bibliográfico e outros tipos como músicas e filmes, de acordo com as necessidades dos participantes;
5. Estabelecer uma ponte entre o bibliotecário e o usuário para elaborar um programa estruturado;
6. Usar materiais com o qual já estejam familiarizados;
7. Selecionar materiais semelhantes a situação dos participantes, não sendo necessariamente idênticos;
8. Selecionar materiais que representem os sentimentos e pensamentos dos participantes, porém não utilizando materiais com sentidos negativos;
9. Selecionar materiais que sigam a idade cronológica e emocional do indivíduo, sua competência individual de leitura e suas preferências culturais e individuais;

10. Selecionar material impresso e não impresso da mesma forma.

2.7 Mediação da leitura

A mediação da leitura é necessária para que ocorra a biblioterapia. Carvalho (2015) afirma que mediar vem do latim *mediatore*, que diz respeito àquele que medeia e que interfere. Melhor dizendo, é um terceiro que permeia na relação de dois, podendo ser duas pessoas ou uma pessoa e algum objeto. Quando se trata da mediação no ato da leitura, o mediador precisa estabelecer uma relação entre o leitor e o texto.

Almeida Júnior (2009, p. 92) também traz uma definição de mediação da informação sendo:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

O mediador, na maioria das vezes, será o responsável por fazer a ligação entre o leitor e o universo criado pelo autor, independente do meio de linguagem. “Se não houver essa ponte emissor-mediador-receptor, a mensagem pode se perder, a leitura pode ser inócua ou pouco profícua” (CARVALHO, 2015, p.32-33).

A prática de mediação da informação tem natureza dinâmica, é um ato antecipatório, atento, amplo, não se resumindo apenas em ser uma ponte que liga os termos, pois se fosse somente isso seria apenas uma atividade de tradução. Da mesma maneira, a mediação também não é apenas uma aproximação, mas sim uma forma de dar significado ao texto, a imagem e a relação entre o mediador e o leitor (CARVALHO, 2015).

Mais do que a informação, o bibliotecário deve estar preocupado com a mediação dessa informação. Hoje, nossa reflexão aponta para a mediação – muito mais do que a informação – como o objeto principal da Biblioteconomia e, portanto, do fazer bibliotecário. Tendo a mediação como diretriz, como norte, como objeto, o bibliotecário pode alterar, pode transformar sua ação social, não a ideal, mas a real. (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 85).

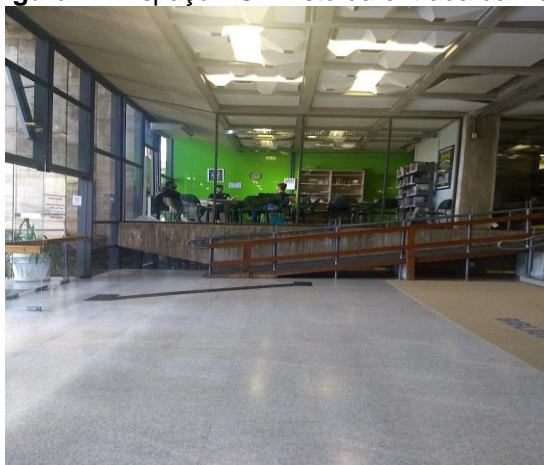
3 ESPAÇO POP – BCE

Figura 1 – Entrada do Espaço POP



Fonte: Guilherme Cunha, 2019

Figura 2 – Espaço POP visto da entrada da BCE



Fonte: Fotografia própria, 2019

O Espaço de Pesquisa e Oficina Pagu (Espaço POP), localizado na Biblioteca Central do Estudante na Universidade de Brasília, foi inaugurado em 2018 com o objetivo de trazer uma nova forma de interação, convívio e uso da biblioteca pelos estudantes e também para o público externo.

O nome Pagu foi escolhido como forma de homenagem a uma escritora brasileira chamada Patrícia Rehder Galvão, que, além de escrever, também trabalhava como cartunista, poeta, diretora de teatro, tradutora, jornalista e desenhista e usava o pseudônimo de Pagu.

O Espaço POP tem todo o seu acervo relacionado com a cultura pop e a literatura em quadrinhos, além de oferecer jogos de tabuleiro, encontros de mediação de leitura como o HQ Club que ocorre mensalmente, é local divertido para leitura, distração, lazer e socialização.

O local é administrado pelo setor de Atendimento ao Usuário e conta com o auxílio do bibliotecário Fernando Silva na parte de curadoria e consultoria do acervo; o bibliotecário Romélio Lemos, responsável pela coordenação das atividades realizadas no Espaço e a assistente de administração Thaís Saager no atendimento. Possui horário de funcionamento de 8h às 18h de segunda a sexta-feira, aberto para toda comunidade interna da UnB e também externa.

As histórias em quadrinhos são um dos principais tipos de materiais presentes no Espaço Pop. Apesar de todo o preconceito com esse material, elas despertam o interesse tanto em crianças como também em adultos. Com tantas outras formas de lazer que estão surgindo atualmente, como celular, internet, televisão, *videogame*, entre outras, as pessoas estão lendo cada vez menos. Devido ao alto custo para aquisição de livros “existe ainda o fato de haver muitas pessoas de baixa renda que não podem comprar livros ou revistas. Porém, é sabido que muitas crianças de famílias de classe média alta também não têm possuem o hábito da leitura.” (CATUNDA, 2013, p. 349).

Os quadrinhos podem ter sua origem na época pré-histórica. Gaiarsa (1970, p. 115), conforme citado por Rahde (1996, p. 103), relata que a primeira história em quadrinhos pode ser considerada a partir dos desenhos feitos nas cavernas pré-históricas e a segunda foram os hieróglifos egípcios.

Como afirmado por Santos (2001), os quadrinhos são importantes para que o jovem comece a ter o hábito de leitura e que sinta prazer ao fazer isso. O autor também aborda como esse tipo de material tem o poder de preencher as expectativas do leitor e fazê-lo sentir-se preparado para a leitura de outras obras.

Tendo sido objeto de perseguições e preconceitos em sua longa trajetória, hoje as histórias em quadrinhos já são encaradas de forma muito mais positiva por parcelas cada vez maiores da sociedade. Aos poucos, elas passaram a ser aceitas nos mais diversos ambientes educacionais, sendo utilizadas por professores de todas as áreas e níveis de ensino e se tornando objeto de atenção de pesquisadores no mundo inteiro. Em consequência, passaram a fazer parte de coleções das bibliotecas, passando a representar um desafio para os profissionais da informação devido a pouca familiaridade que estes tinham (e têm) com esse produto editorial. (VERGUEIRO, 2005, p. 1)

Figura 3 – Parte do acervo de histórias em quadrinhos do Espaço POP



Fonte: Guilherme Cunha, 2019

Os jogos RPG também são um dos materiais mais utilizados do Espaço Pop. Muitos dos usuários marcam de se encontrar no local para jogar, podendo se distrair do estresse diário e também aumentando a socialização.

Grando e Tarouco (2008) afirmam em sua pesquisa que os jogos têm estado presente no cotidiano das pessoas há muito tempo, e nos dias atuais eles vêm crescendo cada vez mais, proporcionando vários meios de entretenimento.

Para Pavão (1999, p. 16), RPG significa a “sigla de *Roleplaying Game*, ‘jogo de representação’, que exige a leitura de um livro de regras cuja publicação tem conquistado espaços cada vez mais significativos no mercado editorial”. A autora também afirma que a ideia dos RPGs surgiu nos Estados Unidos nos anos 1970, quando estava ocorrendo o crescimento dos jogos de Guerra. A literatura do autor Tolkien também teve muita influência nesse estilo de jogo, e com rapidez foi se espalhando pelo mundo.

O jogo baseia-se em regras encontradas em livros, juntamente com definições dos mundos fantásticos e orientações para a aventura (PAVÃO, 1999). Os jogadores são chamados de *players* e há também um mestre. Esse mestre irá ler as regras e apresentar a história.

Figura 4 - Parte do acervo dos jogos de tabuleiro do Espaço POP



Fonte: Guilherme Cunha, 2019

Os clubes de leitura são reuniões que ocorrem periodicamente com o objetivo de discutir sobre a leitura de determinada obra indicada anteriormente. Nessas reuniões, as pessoas podem dar sua opinião sobre a obra, tirar dúvidas e ver o ponto de vista dos outros participantes. A obra utilizada no HQ Club, clube de leitura do Espaço POP, é sempre uma história em quadrinhos.

Para Barstow (2013, p. 6), conforme citado por Souza (2018, p.676), os clubes de leitura concedem quatro benefícios, sendo eles:

1. Ampliação dos tipos de obras para leitura, ou seja, o participante tem a possibilidade de conhecer novos materiais em que não é habituado a ler;
2. Poder dialogar com outros participantes sobre as leituras e assim conhecer novas perspectivas;
3. Socialização com outras pessoas proporcionadas pelo debate;
4. Com influência do último tópico, criar laços sociais profundos com novas pessoas.

Souza (2018) também mostra que o participante é colocado diante de outras novas opiniões sobre a leitura, acrescentando ou fazendo-o ver por outro lado diversas análises, podendo até reconsiderar suas concepções sobre o assunto. Isso acontece graças ao debate que acontece nas reuniões e a exposição a diferentes formas de pensamento e interpretações.

É necessário que haja um mediador para facilitar o desenvolvimento da reunião e ajudar na interação e participação das pessoas ali presentes e também

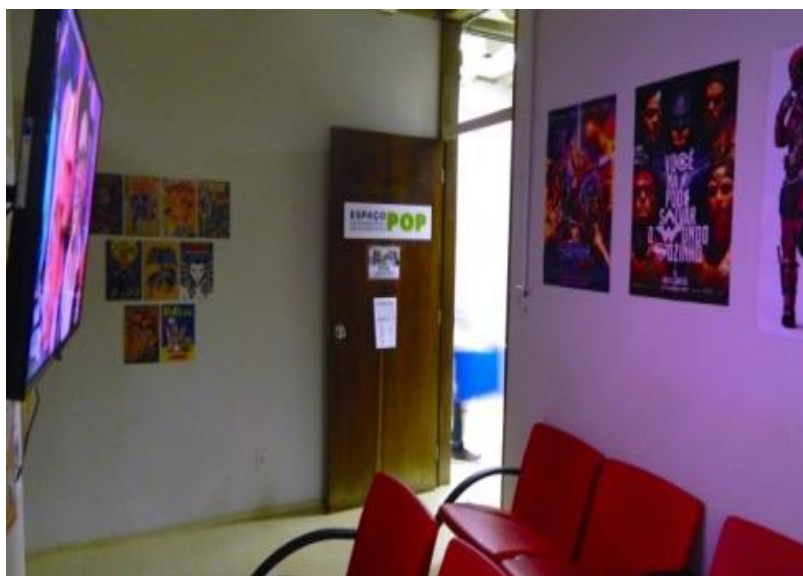
realizar análises comparativas com obras que possuem o tema semelhante (SOUZA, 2018).

Como já mencionado anteriormente, a biblioterapia pode ser executada de outras formas, não sendo apenas por livros. Ferreira e Garcia (2018) assegura que as atividades lúdicas fazem parte do processo biblioterapêutico, podendo ser elas por meio de músicas, danças e outras atividades que propiciam sensação de prazer.

Para entender melhor o que é a atividade lúdica, Falkembach (2006, p.1) afirma que é toda atividade que “agrada, entretém, prende a atenção, entusiasma e ensina com maior eficiência, porque transmite as informações de várias formas, estimulando diversos sentidos ao mesmo tempo e sem se tornar cansativo”.

A leitura de um livro é lúdica, conforme afirma Valencia e Magalhães (2016). A leitura propicia reflexão, aprendizado e também lazer, conseqüentemente proporcionando conforto e ajuda. Essa atividade está ligada ao dever social do bibliotecário, pois esse precisa dar atenção e enfoque não apenas aos desejos intelectuais e de aprendizado dos seus usuários, mas também as questões sociais e emocionais.

Figura 5 – Sala do serviço de *streaming* Netflix no Espaço POP



Fonte: Guilherme Cunha, 2019

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho trata de uma pesquisa descritiva qualitativa, pois se trata de uma pesquisa bibliográfica na qual descreve a biblioterapia e o Espaço POP; exploratória, pois se trata de abordar e explorar uma nova vertente do Espaço POP e analisar se suas atividades podem ser consideradas biblioterapêuticas; participante, pois a autora participou e acompanhou das atividades do local.

A pesquisa descritiva tende “descrever as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 21). Conforme Acevedo e Nohara (2013), a pesquisa científica faz uso de vários procedimentos com a finalidade de encontrar respostas para o problema apresentado. Para D’Angelo (2019) a pesquisa qualitativa analisa informações de forma mais subjetiva e profunda. Os métodos qualitativos “empregam diferentes concepções filosóficas, estratégias de observação e métodos de coleta” (CRESWELL, 2010, p. 206).

A pesquisa exploratória é “compreensiva e se destina ao estudo de fenômenos pouco conhecidos ou como fase preliminar ou etapa que antecede um processo de pesquisa mais intenso e de estudos aprofundamento crítico” (LAROCCA; ROSSO; SOUZA, 2005, p. 128-129). Trata-se então de uma experiência investigativa.

Quadro 3 - Métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa

Objetivos	Métodos	Técnicas de coleta	Instrumentos de coleta
Objetivo Específico 1 (OE1)	Pesquisa bibliográfica	Análise bibliográfica	Bases de dados; Livros
Objetivo Específico 2 (OE2)	Pesquisa bibliográfica	Análise bibliográfica	Bases de dados; Livros
Objetivo Específico 3 (OE3)	Observação participante	Questionário; Observação participante; Survey	Roteiro de questionário estruturado; Visitas ao local

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Para obter os resultados foram enviados três questionários² auto aplicáveis feitos na plataforma Google de formulários para grupos diferentes. O questionário

² Roteiro dos questionários disponíveis nos Apêndices A, B e C

refere-se a um instrumento para obter a coleta de dados utilizando perguntas já desenvolvidas, segundo Nielsen, Olivo e Morilhas (2017). Ele apresenta perguntas fechadas, abertas e mistas. É o meio com mais facilidade para se obter as informações desejadas, e também permite o anonimato do entrevistado (GIL, 2018). O questionário é um método utilizado com bastante frequência para a coleta de dados, de acordo com Cunha (1982). Suas vantagens são ser um método rápido para responder os questionários, pode abranger mais pessoas na pesquisa e oferece maior liberdade a quem vai responder. Cunha (1982) também traz as desvantagens como as dificuldades em tirar dúvidas por causa da distância e dificuldade de saber se resposta foi espontânea ou sofreu influência de outras pessoas.

O primeiro questionário foi enviado no grupo de Whatsapp dos usuários do Espaço POP, contendo questões abertas e de múltipla escolha, de um total de 63 pessoas, apenas 10 responderam. O segundo foi enviado por e-mail também com questões abertas e de múltipla escolha para sete frequentadores do HQ Club e cinco responderam. O terceiro foi enviado para os que ficam responsáveis pelo Espaço POP, Thaís Saager e Romélio Lemos apenas com perguntas abertas. Além do questionário também ocorreu observação participante que, segundo Cunha (1982), consiste em observar atentamente a realidade vivenciada do local estudado enquanto participa.

Foi realizado um pré-teste com duas pessoas respondendo os dois primeiros questionários, não sendo necessário realizar modificações.

5 RESULTADOS

A análise dos dados foi dividida em três etapas. Primeiramente, foram apresentados os resultados do questionário respondido pelos usuários do Espaço P.O.P., depois os questionários respondidos pelos participantes do HQ Club e, por último, o questionário realizado com a Thaís Saager e o Romélio Lemos.

5.1 Usuários do Espaço POP

Os resultados foram coletados de uma amostra de 10 pessoas usuárias que se disponibilizaram a responder o questionário. Eles não foram identificados, apenas com o curso e o semestre.

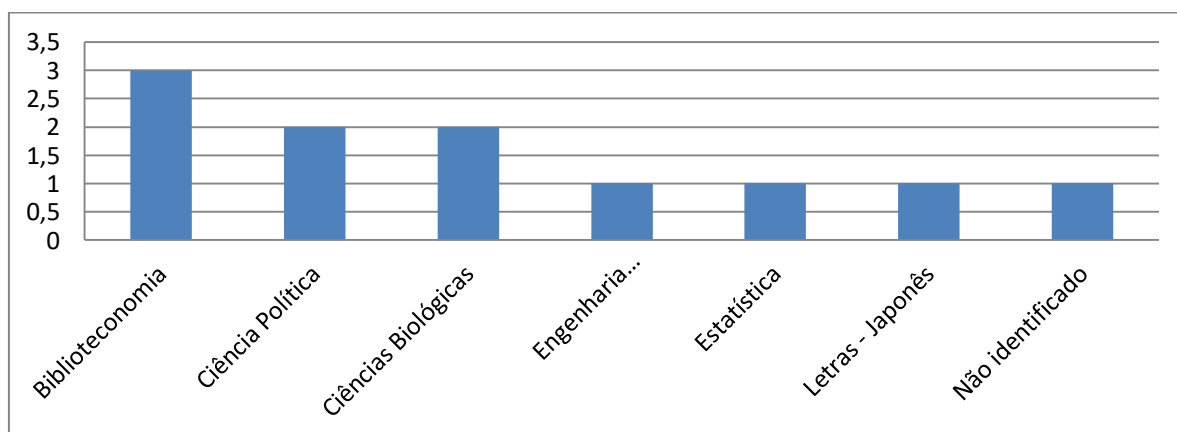
Perfil dos participantes

A respeito do curso dos usuários é observada a seguinte composição: 3 de Biblioteconomia, 2 de Ciência Política, 1 de Ciências Biológicas, 1 de Engenharia Mecânica, 1 de Estatística, 1 de Letras – Japonês e 1 não identificado (Gráfico 1).

Quanto aos semestres dos mesmos, são ao todo: 3 do primeiro semestre, 1 do terceiro semestre, 2 do quarto semestre, 1 do quinto semestre, 2 do nono semestre e 1 formado (Gráfico 2).

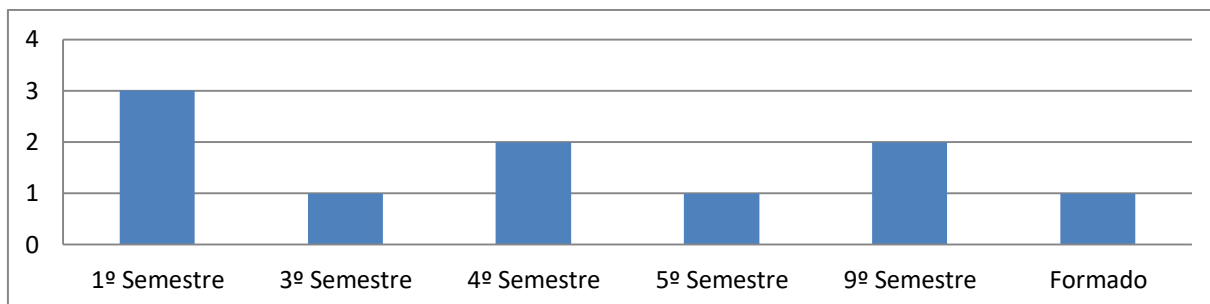
Nota-se a partir dos resultados como o local recebe pessoas de cursos e semestres variados, sendo utilizado também até por pessoas já formadas.

Gráfico 1 – Curso dos usuários



FONTE: elaboração própria (2019).

Gráfico 2 – Semestre dos usuários



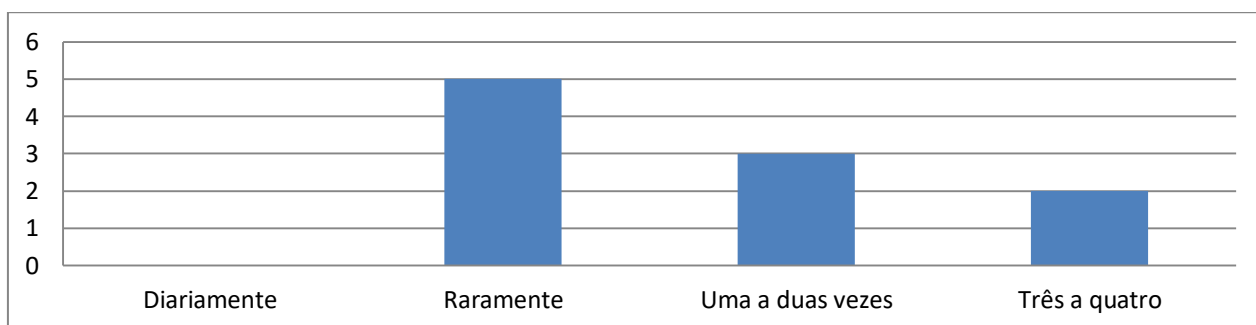
FONTE: elaboração própria (2019).

Frequência e horário de uso

Relacionado à frequência que os usuários costumam visitar o Espaço POP, obtiveram-se os seguintes resultados: 5 afirmaram raramente ir ao local, 3 vão de uma a duas vezes por semana e 2 vão de duas a três vezes por semana (Gráfico 3). Referente ao turno frequentado, 2 responderam pela manhã, 6 pela tarde e 2 em ambos os horários (Gráfico 4).

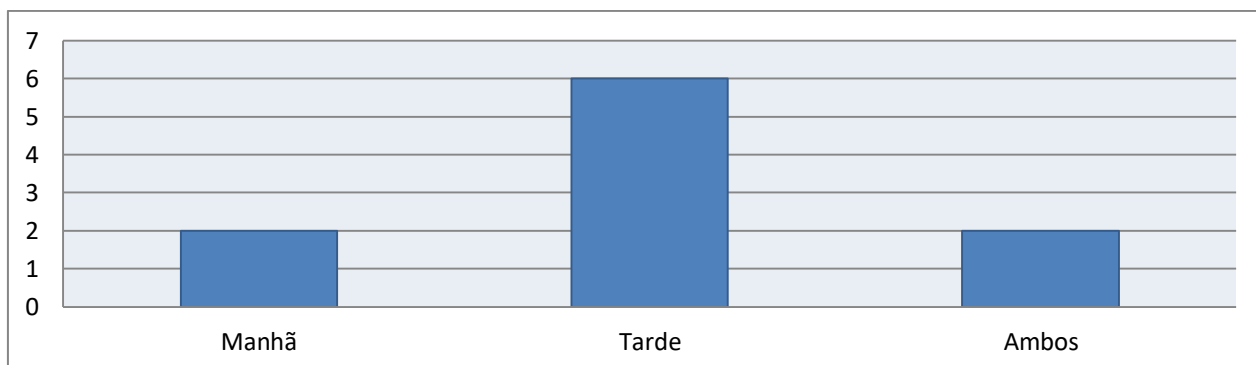
Pode-se então analisar que os participantes costumam frequentar o Espaço POP no período vespertino e não frequentam diariamente o local.

Gráfico 3 – Frequência de uso do Espaço POP



FONTE: elaboração própria (2019).

Gráfico 4 – Turno de uso do Espaço POP



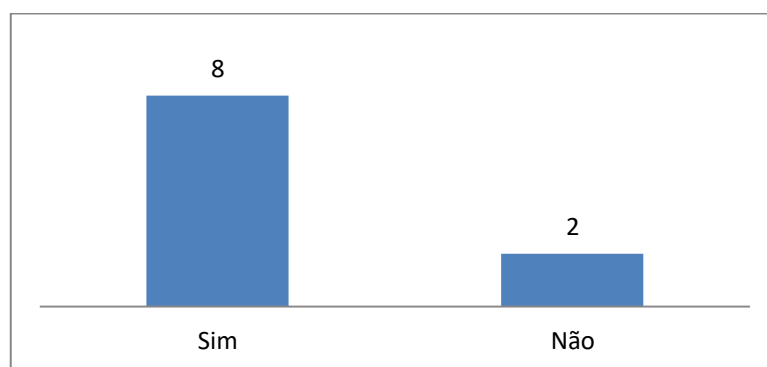
FONTE: elaboração própria (2019).

Localização adequada

Foi analisado também se os usuários consideram a localização situada do Espaço POP adequada, e os resultados obtidos foram: 8 dizem que sim, 2 que não, um justificando que "ao lado do laboratório acho meio mal localizado, mas convivem até que bem" (Gráfico 5).

O Espaço POP encontra-se localizado na entrada da BCE/UnB, tornando-se visível assim que os usuários entram na biblioteca. A resposta do participante referente ao espaço ser ao lado do laboratório de informática é devido as reclamações acerca do barulho causado.

Gráfico 5 – Localização



FONTE: elaboração própria (2019).

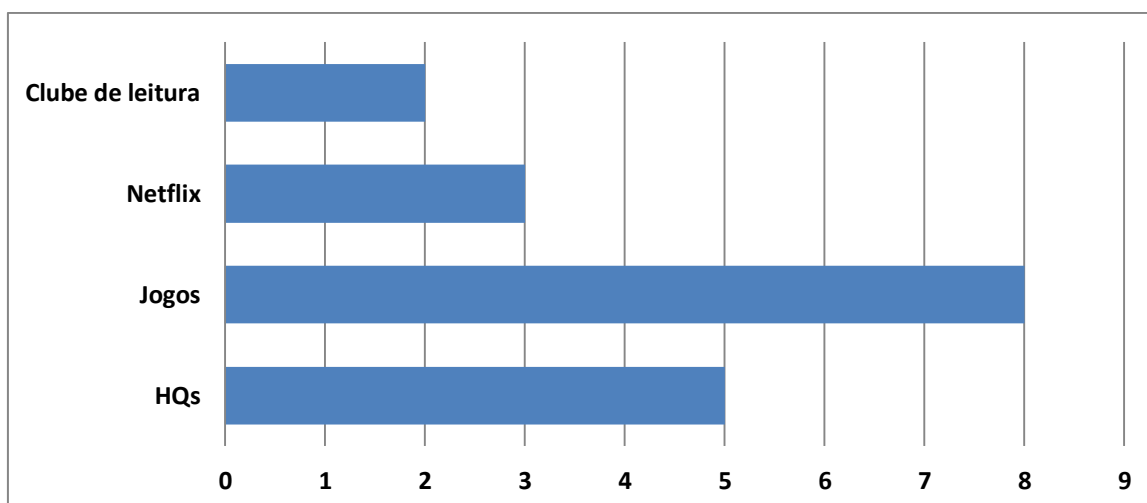
Motivos de uso do local

O próximo item foi uma questão aberta solicitando que o participante falasse o que o motiva a frequentar o local. A partir das respostas recebidas é possível analisar que os usuários gostam de utilizar o Espaço POP para jogar RPG, se socializar, ler histórias em quadrinhos e até mesmo estudar em meio ao barulho. Também foram recolhidas respostas sobre preencher o tempo livre e aliviar da correria das aulas e estágio, pois é um local reconfortante.

Uso de materiais e participação das atividades

Com relação ao uso dos materiais e a participação das atividades oferecidas, obtiveram-se os seguintes dados: 2 frequentam o clube de leitura, 3 utilizam o serviço de *streaming* Netflix, 8 utilizam os jogos e 5 leem as HQs. Nessa questão era possível escolher mais de uma alternativa. Nota-se que de todos os materiais e atividades oferecidas os mais utilizados são os jogos e as histórias em quadrinhos (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Uso e participação



FONTE: elaboração própria (2019).

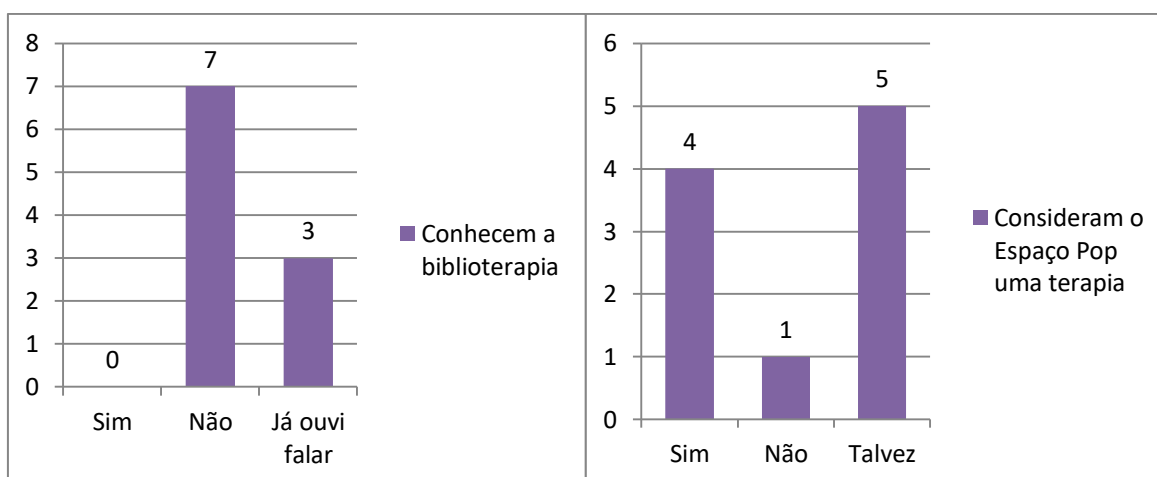
Sentimentos

Na seguinte pergunta foi solicitado ao participante responder se ele sente alguma mudança ou transformação emocional quando visita e passa algum tempo no Espaço POP. Analisando as respostas obtidas, as pessoas sentem alívio do estresse cotidiano e das preocupações, relaxamento, momento social, cuidados com a saúde mental, inclusão, frequentando um lugar mágico, descontração e descansados.

Conhecimento sobre biblioterapia

Foi perguntando se os participantes conheciam a biblioterapia e se eles consideravam o tempo que passam utilizando o Espaço POP e as sensações obtidas lá uma maneira de terapia. Os resultados obtidos foram: 3 responderam que já ouviram falar e 7 não conhecem. 5 participantes disseram que talvez considerem o tempo que utilizam o local como uma forma de terapia, 4 disseram que sim e um 1 considera. É interessante constatar que mesmo quase todos não conhecendo a biblioterapia, apenas 1 não considera o Espaço POP uma forma de terapia (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Conhecimento sobre a biblioterapia



FONTE: elaboração própria (2019).

Feedback dos usuários

A última questão do formulário foi para que os usuários dessem um *feedback* geral do Espaço POP, acrescentando elogios, críticas e ideias para que o local possa ser melhorado. Analisando as respostas, um dos pontos mais comentados é sobre a falta de isolamento acústico, pois sempre recebem reclamações sobre o barulho causado. Há também pontos negativos a respeito do calor, que por ser um ambiente pequeno quando está cheio acaba ficando muito quente e com pouca circulação de ar. Foi proposto também um espaço maior, pois dependendo do horário o local não suporta muitas pessoas querendo utilizar ao mesmo tempo. Apesar desses pontos negativos, os participantes elogiaram bastante, dizendo ser um local bom e uma iniciativa incrível, além de ser tranquilo e de fácil visualização.

5.2 Usuários do HQ Club

Os HQ Club são clubes de leitura de histórias em quadrinhos que acontecem mensalmente no Espaço POP. Para analisar mais o impacto que os clubes causam nos participantes, foram entrevistados uma amostra de cinco usuários. A Figura 1 mostra a inauguração do Clube de Leitura de Quadrinhos da BCE, realizada em Março de 2019. Já a Figura 2 apresenta o encontro do HQ Clube que ocorreu em Maio de 2019.

Figura 6 – Primeiro HQ Club



FONTE: Instagram Espaço POP

Figura 7 – Reunião HQ Club



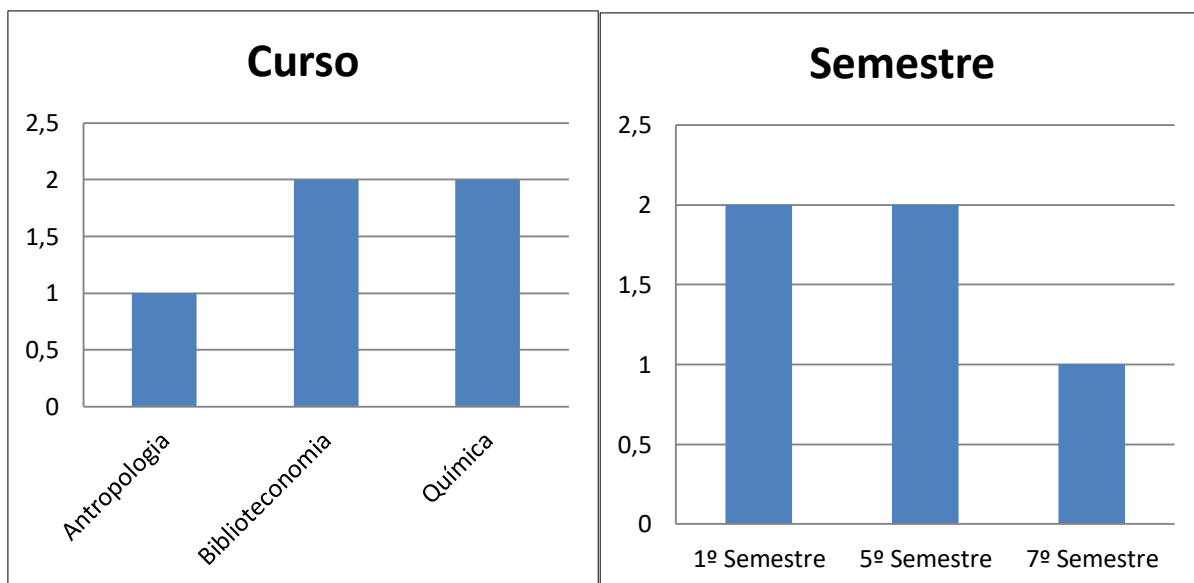
FONTE: fotografia própria

Perfil dos participantes

A respeito do curso dos usuários obteve-se a seguinte composição: 1 de Antropologia, 2 de Biblioteconomia e 2 de Química. Nota-se a variedade dos cursos dos usuários que frequentam o HQ Club (Gráfico 8).

Em relação aos semestres, eles estão: 2 no 1º Semestre, 2 no 5º Semestre e 1 no 7º Semestre, mostrando como também o semestre em que se encontram variam bastante (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Curso e semestre



FONTE: elaboração própria (2019).

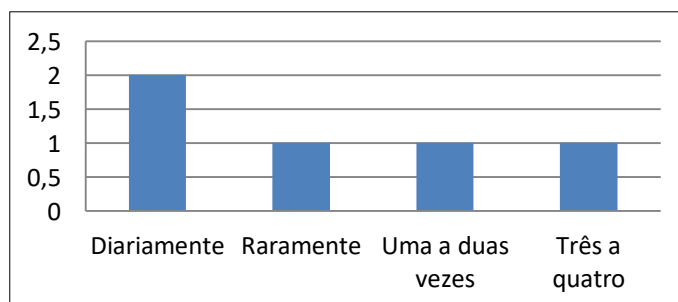
Conhecimento do HQ Club

A pergunta seguinte foi uma questão aberta na qual os participantes falam como chegaram a conhecer o HQ Club. 1 pessoa conheceu porque já era frequentador do Espaço POP quando o HQ Club foi criado. As 4 restantes viram os cartazes que ficam espalhados pela BCE.

Frequência de uso do Espaço POP

Essa questão teve o objetivo de analisar se os participantes vinham apenas para os clubes de leitura ou se também frequentam o Espaço POP. 2 afirmaram que utilizam diariamente, 1 utiliza uma ou duas vezes por semana, 1 utiliza três ou quatro vezes por semana e 1 raramente. Das 5 pessoas apenas 1 raramente vai ao local (Gráfico 9).

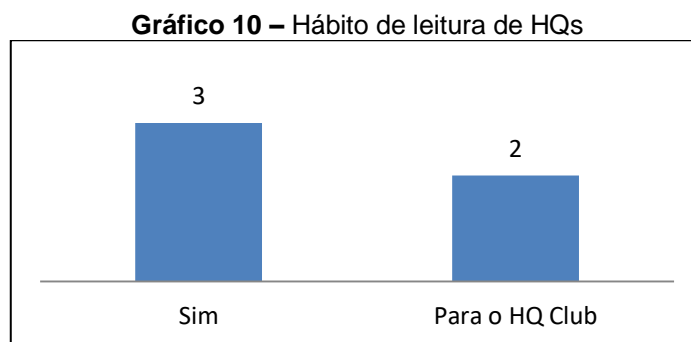
Gráfico 9 – Frequência de uso



FONTE: elaboração própria (2019).

Leitura de história em quadrinhos

A seguinte questão visa analisar se os participantes também leem histórias em quadrinhos como um hábito ou apenas para participar do clube de leitura. O resultado foi: 3 já possuem o hábito de ler HQs e 2 leem para participar dos clubes. Observa-se que grande maioria já possui o hábito de ler HQs (Gráfico 10).



FONTE: elaboração própria (2019).

Influência das HQs no hábito de leitura

Como afirmado na pesquisa, a leitura das histórias em quadrinhos podem incentivar e ajudar as pessoas a ter o hábito de leitura. Essa pergunta foi feita com o objetivo de auxiliar nessa afirmação e todos os participantes responderam que concordam que a leitura de HQs exerce influência no hábito de leitura.

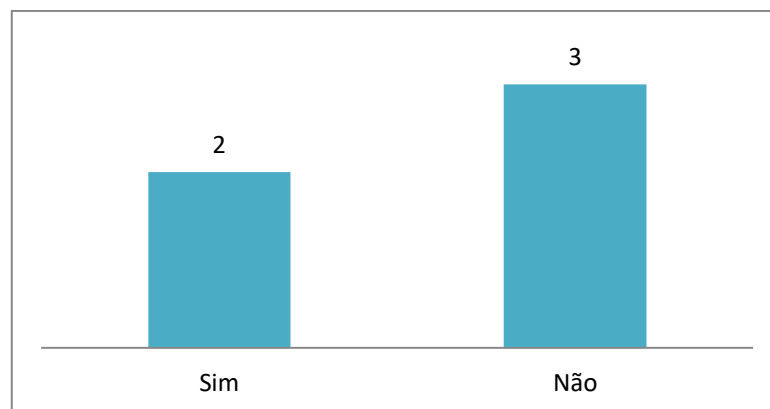
Sentimentos durante a leitura de HQs

Foi solicitado que os participantes respondessem o que eles sentem enquanto estão lendo as histórias em quadrinhos. Das respostas analisadas, a sensação ocorre de acordo com as histórias que estão lendo, variando entre tensão, emoção, relaxamento. Há também o envolvimento com a história e a trama, sentindo-se juntos dos personagens e desligados do mundo, sendo possível distrair da correria cotidiana.

Frequência de outros clubes de leitura

Essa questão teve o intuito de saber se os participantes do HQ Club têm o hábito de frequentar também outros clubes de leitura além desse. Os dados obtidos foram que apenas 2 frequentam outros clubes e 3 não frequentam (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Frequência em clubes de leitura



FONTE: elaboração própria (2019).

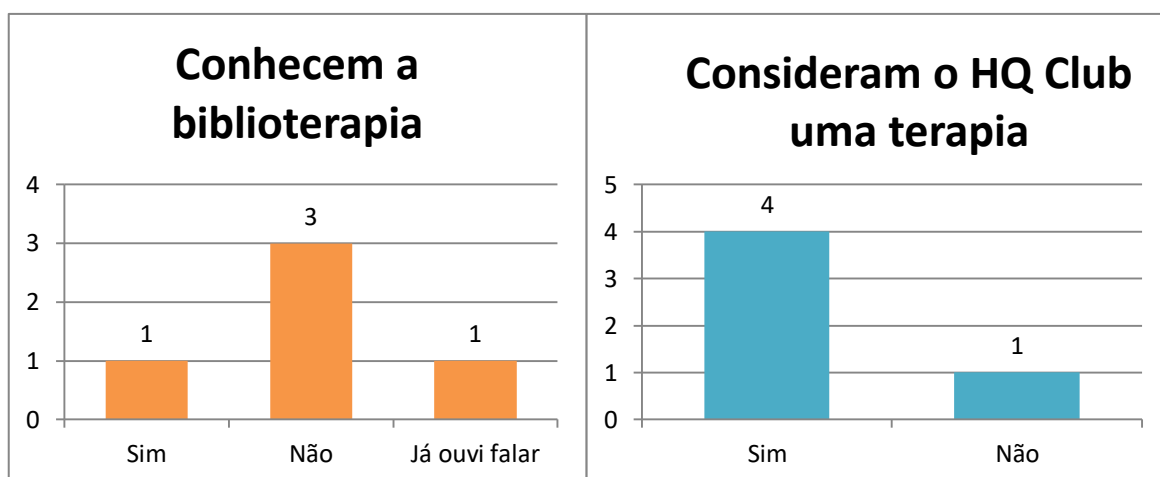
Impacto pessoal causado pela leitura de HQs

O objetivo dessa questão é mostrar como a leitura das HQs pode afetar positivamente a vida dos participantes e leitores. Para isso, foi perguntando se a leitura das obras utilizadas nos clubes impactou de alguma forma suas vidas. De acordo com as respostas obtidas, as histórias em quadrinhos causam impactos e experiências diferentes. Através das discussões que ocorrem nos clubes é possível obter novos pontos de vista, pois são apresentadas diferentes opiniões e visões que variam de acordo com cada pessoa.

Conhecimento sobre biblioterapia

Foi perguntando se os participantes conheciam a biblioterapia e se eles consideravam os encontros do HQ Club como uma forma de terapia. Os resultados obtidos foram: 3 não conhecem a biblioterapia, 1 conhece e 1 já ouviu falar. Os 2 participantes que afirmaram conhecer ou já ouvir falar da biblioterapia disseram se tratar da terapia através dos livros e da leitura. 4 participantes consideram os clubes de leitura como uma forma de terapia, e apenas 1 não considera. É importante observar que mesmo a maioria dos participantes não tendo pleno conhecimento do que se trata a biblioterapia, quase todos consideram o momento que ocorre o HQ Club uma terapia (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Conhecimento sobre a biblioterapia



FONTE: elaboração própria (2019).

Interesse em continuar participando dos clubes de leitura do Espaço Pop

A última questão foi se os participantes têm interesse em continuar participando dos clubes de leitura do Espaço POP, e todos responderam que possuem interesse. Isso mostra como essa atividade oferecida tem sido positiva e interessante para os participantes, fazendo com que sintam vontade de participar mais vezes.

5.3 Questionário com os responsáveis pelo Espaço P.O.P.

O terceiro questionário foi respondido pelos responsáveis do Espaço POP Romélio Lemos, responsável pelo turno vespertino e Thaís Saager, que fica coordenando o turno matutino.

A primeira pergunta foi sobre como surgiu a ideia de criação do Espaço POP, e ela ocorreu devido a uma grande doação de HQs na BCE que estava guardada. Então, a partir de vários setores da biblioteca, como a Direção, Catalogação e Atendimento ao Usuário planejaram e executaram todo o Espaço POP. A biblioteca tinha próximo a sua entrada o xadrez, que ficava sobre a mesa de espera e havia a ideia de trazer outros jogos para a biblioteca, porém seria necessário um espaço separado, onde os estudantes pudessem interagir e conversar.

A segunda questão trata da escolha do acervo, que foi inicialmente composta de doação. É realizada compras de algumas histórias em quadrinhos para preencher as lacunas dessas doações e também para adquirir o que há de novo no mercado editorial nacional e nas obras mais premiadas internacionalmente. Todos os jogos de tabuleiro foram todos adquiridos por doações. No decorrer de 2018 tivemos outras 75 doações avulsas, de pessoas que se identificaram com o acervo.

A terceira pergunta foi sobre o público-alvo que o Espaço POP busca atingir, sendo toda a comunidade acadêmica da UnB e o público externo.

A quarta pergunta foi a cerca da possibilidade de expandir o local, que é um assunto em pauta, porém com dificuldade de ser realizado. É difícil encontrar na biblioteca novos espaços que suportem em local, além de envolver diversos fatores complexos, como acústica do ambiente, influência na movimentação nos espaços adjacentes, infraestrutura e climatização.

A quinta pergunta foi sobre os eventos e atividades oferecidas pelo Espaço POP. Eles organizam a Jornada de Histórias em Quadrinhos da UnB e também participam ativamente da Semana Universitária. A I Jornada de HQ, realizada em 2018, foi o evento onde ocorreu a inauguração do Espaço POP, contando com oficinas sobre HQ e feira de quadrinhos independentes, além de convidados internacionais. Em junho de 2019 ocorreu a II Jornada de HQ em comemoração ao aniversário de um ano do Espaço. Na Semana Universitária é oferecidas oficinas de ilustração, roteiro, xadrez, jogos de tabuleiro, história das histórias em quadrinhos,

entre outras atividades. Também ocorre o HQ Club mensalmente e a FeiraPOP, que é uma feira de vendas e trocas para artistas independentes, jogadores, colecionadores e criadores de jogos. Há também oficinas avulsas de jogos.

A sexta pergunta foi sobre os desafios enfrentados durante o primeiro ano do Espaço POP, sendo listados vários desafios. O primeiro deles foi a divulgação do local, pois foi inaugurado durante o período de greve de servidores e da greve dos caminhoneiros (2018), além da proximidade das férias acadêmicas. Outro desafio é a lotação do local, que foi amenizada com a mudança do empréstimo local para domiciliar, e a troca de mesas retangulares para redondas, cabendo assim mais cadeiras. Com a movimentação e a lotação, vieram as reclamações de barulho, principal e atual problema do Espaço POP. Por ser uma sala que sugere o entretenimento, a troca de ideias, e por ser um espaço voltado para oficinas e jogos, a conversa é algo normal. Os responsáveis sempre procuram manter um controle do nível de ruído, mas desde que foi inaugurado um laboratório de informática ao lado da sala, a reclamação pelo barulho voltou, pois não há isolamento acústico entre as paredes.

Outro problema foi acerca dos processos técnicos, foi necessário criar métodos novos para catalogar e organizar os quadrinhos, jogos e fazer controle do uso da televisão e demais itens do acervo. Para a seleção foi necessário criar critérios diferentes. Por ser cercada de preconceitos, a proposta do Espaço POP enfrenta constantemente o desafio de justificar sua própria existência. É um trabalho constante que envolve coletar estatísticas de atendimento, opiniões, relatos, relatórios de pesquisas e projetos de extensão.

A sétima pergunta trata sobre o ponto de vista dos responsáveis sobre como o local tem influenciado e ajudado os usuários. Eles afirmam que são um ponto de encontro e convivência e os usuários fizeram do Espaço POP um local para chamar de lar. Alguns começaram a frequentar somente pelas HQs, outros pela TV com Netflix e outros pelos jogos. Alguns chegaram sozinhos e outros em grupos, se relacionando pelos interesses convergentes e formando novas amizades. Muitos usuários se identificaram com a proposta, o acervo, os frequentadores e o local. Eles relatam também ouvir histórias sobre os problemas que alunos enfrentam, relatando sobre suas vidas sociais, estudantil, familiar, além de dificuldades de estudos e

financeiras. Isso humaniza e aproxima o atendimento diretamente com as necessidades ou aflições do público.

Muitos usuários frequentam o espaço durante as aulas quando conseguem tempo livre. Os responsáveis afirmam observar na prática um ambiente terapêutico capaz de prevenir diversos transtornos. Além disso, os estudantes podem desenvolver suas habilidades criativas, sociais e cognitivas através dos jogos, quadrinhos e filmes. Essas habilidades são negligenciadas de modo geral no ambiente universitário, embora sejam de suma importância para garantir a qualidade das produções acadêmicas.

A oitava e última pergunta foi sobre o *feedback* que eles tem recebido sobre o Espaço POP. Os usuários querem mais, como crescer junto com eles, tanto em acervo como em espaço, eventos e institucionalização, muitos pedem para trabalharem lá, fazer estágio ou projeto de extensão. Outro *feedback* vem dos não usuários que ainda não entenderam a proposta do Espaço POP, alegando que a biblioteca é um local de silêncio. Eles deram algumas entrevistas às mídias locais, sobre o que são, chamando atenção de diferentes pontos e nichos da UnB, como também de Brasília, sob o olhar de grandes grupos de jogos, RPG e locais lúdicos que os procuram para parcerias.

Eles recebem muitos elogios, tanto pelo acervo, como pelos eventos promovidos. As reclamações dos usuários geralmente envolvem a falta de espaço e a climatização.

5.4 Observação participante

Ao longo do semestre, frequentei o Espaço POP e participei dos clubes de leitura. Durante esse período pude observar o comportamento dos usuários enquanto utilizavam o local. Eles se divertiam com os jogos, as histórias em quadrinhos e a Netflix, além de se socializarem. É nítido como eles se sentem bem e a vontade enquanto estão lá. Em relação à participação dos clubes de leitura, pude frequentar duas reuniões. Com as discussões que ocorrem é possível ter conhecimento de novos pontos de vista das obras que foram lidas e indicadas. As pessoas conversam e se divertem juntas como se já se conhecessem antes.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Por meio das pesquisas e experiências realizadas com este trabalho, pode se constatar que a leitura pode mudar positivamente a vida de uma pessoa.

A primeira entrevista realizada com os usuários do Espaço POP mostra como foi importante a iniciativa desse local na biblioteca. Por meio das respostas dos participantes, é possível observar como eles se sentem melhores emocionalmente após passar um tempo no espaço. Muitos afirmam que começaram novas amizades e até se sentem melhor estudando lá em meio ao barulho. Alguns preferem até mesmo visitar o local antes de alguma matéria difícil em busca de relaxamento, descontração e alívio do estresse, tornando o dia mais leve.

Com relação aos participantes do HQ Club, todos os participantes concordam quanto ao fato de que as histórias em quadrinhos podem influenciar sim o hábito de leitura, pela forma mais descontraída e rápida de ler. Por meio das reuniões e do diálogo que ocorre nos clubes, muitos dizem que é uma oportunidade de conhecer novas formas de pensamento e descobrir sobre assuntos antes desconhecidos para eles. Apesar da grande maioria não possuir conhecimento do que é a biblioterapia, quase todos concordam que participar dos encontros tem causado efeitos terapêuticos.

A entrevista com os responsáveis pelo Espaço POP evidenciou como foi possível criar e adaptar o local à biblioteca. Ela começou por causa de uma grande coleção de HQs que foi doada para a BCE e que não se sabia de que modo incorporar ao acervo, até surgir a ideia de um local que pudesse conter esse material e proporcionar aos estudantes um espaço para jogar e socializar. O acervo das HQs é composto a maioria por doação e por compra para incorporar essas doações, todos os jogos também foram doados. O local tem como público toda a comunidade interna e externa da universidade, ficando aberto a qualquer um que queira conhecer.

Graças ao local também foram acrescentados novos eventos, como a Jornada de Histórias em Quadrinhos e também participações na Semana Universitária (Semuni). Oferece também o HQ Club, que como dito anteriormente, é um clube de leitura apenas de HQs que ocorre mensalmente, paralelo ao outro clube de leitura também oferecido pela BCE.

Os entrevistados também falaram sobre a percepção deles de como o Espaço POP tem ajudado os seus usuários durante esse um ano do local. É possível observar que o local é um ponto de encontro e também formador de novas amizades. Muitos usuários também vão lá e conversam com os responsáveis sobre seus problemas sociais, familiares e acadêmicos, tornando o local uma forma de escape, uma terapia.

O Espaço POP também enfrenta diversos desafios, notados nas respostas dos usuários entrevistados e dos responsáveis. A maioria das dificuldades relatadas foi: o espaço pequeno, não suportando muitas vezes todas as pessoas que o querem utilizar; a falta de isolamento acústico e a criação de um laboratório de informática bem ao lado do Espaço POP, causando muitas vezes conflitos por causa do barulho, e a climatização, que por ser um local apertado os usuários sofrem com o calor.

Apesar dos desafios que o Espaço POP enfrenta o que não falta são elogios e qualidades. Por obter uma ótima localização visual, assim que os usuários da BCE entram pela biblioteca já conseguem visualizar o espaço, sendo essa uma ótima divulgação do local. É também um lugar onde novas amizades surgiram e continua surgindo, onde pessoas se sentem mais a vontade e encontram um lugar para relaxar se sentirem bem.

Tudo isso reforça o papel social das bibliotecas e do bibliotecário, pois a biblioteca deve incluir e acolher todos os públicos. Cunha (2003) afirma que a profissão bibliotecária é essencialmente social e têm uma tendência de trabalho interdisciplinar, sendo também uma agente de mudanças.

Quanto à realização dos objetivos específicos, o primeiro objetivo era acerca dos conceitos, objetivos e histórico da biblioterapia e foi alcançado nos tópicos 2.1 e 2.2 da revisão de literatura, pois é onde estão localizadas as definições juntamente com os objetivos e sua história.

O segundo objetivo específico era mostrar como o bibliotecário pode atuar nas atividades biblioterapêuticas, sendo alcançado no tópico 2.6 da revisão de literatura, onde é apresentada a missão do profissional com a comunidade e quais atividades ele pode exercer na biblioterapia.

O terceiro objetivo específico era acompanhar o trabalho oferecido pelo Espaço POP, que também foi alcançado, pois foi uma pesquisa participante onde

pude ver de perto o que o local oferece, participar dos clubes de leitura e obter respostas de alguns usuários sobre como esse novo espaço foi importante e trouxe impacto na vida deles.

A partir do alcance dos objetivos específicos, é possível demonstrar como o objetivo geral “analisar a maneira como a biblioterapia e o Espaço POP são práticas de interação com a leitura auxiliando de maneira lúdica no bem-estar das pessoas” foi alcançado. Ambos têm objetivos semelhantes como proporcionar conforto e tranquilidade às pessoas, trazer períodos de relaxamento, reflexão e lazer e incentivar o hábito de leitura, além de prevenir possíveis transtornos psicológicos como depressão, síndrome do pânico e ansiedade. A partir também das respostas dos usuários questionados, é possível afirmar que o ambiente do Espaço POP e suas atividades oferecidas possuem efeitos terapêuticos, possibilitando um alívio em meio a tantos problemas cotidianos e facilitando também a socialização entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Como fazer monografias: TCC, dissertações, teses.** [S.l.: s.n.], 2013.

ALMEIDA Júnior, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf>.

ALMEIDA, Edson Marques. Biblioterapia: O bibliotecário com agente integrador e socializador da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.3, n. 2, [não paginado], 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2092/1294>>.

ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf>.

BALBINOTTI, S. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/32891/17823>>.

BIAGGI, C.; VALENTIM, M. L. P. Perspectivas e tendências da atuação do bibliotecário na área da saúde. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, p. 27-32, 2018. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/105/pdf>>.

BIBLIOTERAPIA. In: **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>.

BIBLIOTERAPIA. In: **Dicionário Priberam**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>.

BIBLIOTHERAPY. In: **Dicionário Oxford**. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com>>.

BIBLIOTHERAPY. In: **The free dictionary**. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/bibliotherapy>>.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças. **Revista ACB**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 157-170, ago. 2005. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/372/445>>.

CAETANO, Renata Vieira. **Biblioterapia: um estudo documental**. 2013. 47 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6639/6/2013_RenataVieiraCaetano.pdf>.

CARVALHO, Caroline Lago de. **Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar**: um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI). 2015. 144 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)— Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13011/1/2015_CarolineLagodeCarvalho.pdf>.

CASTRO, Rachel; PINHEIRO, Edna. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2005.

CATUNDA, Marcia Dias. As histórias em quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 348-357, maio 2013. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/147>>.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CUNHA, Guilherme. **Espaço da biblioteca da UnB voltado aos quadrinhos completa 1 ano**. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://jornalismo.iesb.br/2019/06/05/espaco-da-biblioteca-da-unb-voltado-aos-quadrinhos-completa-1-ano/>>

CUNHA, M. B. da. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 10, n. 2, p. 5-19, 1982

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, ano 2003, v. 8, n. 15, p. 41-46, 2003. Disponível em: <<http://www.brapi.inf.br/index.php/article/view/0000001332/7c137bb279e6adda8bdf3f4e965fcfa>>.

D'ANGELO, Pedro. **Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: qual a diferença?**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-qual-a-diferenca/>.

FALKEMBACH, G.A.M. **O lúdico e os jogos educacionais**. Rio Grande do Sul, CINTED - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação – UFRGS, 2006.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>>.

FERREIRA, F. B.; GARCIA, J. C. R. Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 2, p. 107-119, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/19215/12742>>.

FONSECA, K. H. S. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 19, n. 1, p.

6-12, 2014. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/841/pdf_82>.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. [S. l.]: Companhia das Letras, 1905.

Galen, N. ; Johns, J. **Children in Conflict Books that Heal**. Northern Illinois University, p. 1-14, 1976. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED170709>>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

GOULART, Andrea Heloiza. **Adolescência, internet e práticas informacionais**. 2018. 203 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GRANDO, Anita; TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach. O uso de jogos educacionais do tipo RPG na educação. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14403>>.

GUEDES, Mariana Giuberti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 187 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13659/1/2013_MarianaGiubertiGuedes.pdf>.

HARROD, Leonard Montague. **The librarians glossary of terms used in librarianship, documentation and the book crafts**. Londres: Andre Deutsch, 1977.

LAROCCA, Priscila; ROSSO, Ademir José; SOUZA, Audrey Pietrobelli de. A Formulação dos Objetivos de Pesquisa na Pós-graduação em Educação: uma discussão necessária. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 118-133, mar. 2005.

LEITE, Ana Cláudia de Oliveira. Biblioteconomia e Biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**, Valinhos, SP, v. 12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em:
<<http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/educ/article/view/1877/1782>>.

LEITE, M. B.; CALDIN, C. F. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 11, n. 3, 2017. Disponível em:
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/14687>>.

LEPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MCCULLISS, Debbie. Bibliotherapy: historical and research perspectives. **Journal of Poetry Therapy**, [S. l.], ano 2015, v. 25, n. 1, p. 23-38, 14 fev. 2012. Disponível em:
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08893675.2012.654944>>.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; FREITAS, Jairo Francisco de Medeiros; RIBEIRO, Artur Assunção Pereira. Estresse no cotidiano acadêmico: o olhar dos

alunos de enfermagem da Universidade Federal do Piauí. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 2006. Disponível em:
http://eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=184.

NIELSEN, Flávia Angeli Ghisi; OLIVO, Rodolfo; MORILHAS, Leandro José. **Guia prático para elaboração de monografias, dissertações e teses em administração**. São Paulo: Saraiva, 2017.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAVÃO, Andréa. **A Aventura da Leitura e da Escrita entre Mestres de Role Playing Games (RPG)**. Rio de Janeiro: EntreLugar, 1999.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, vol.17, n. 1, p. 31-43, jan-abr, 2005. Disponível em:
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000023685/1642f3d22ee1b76c60aa11983c90da3>>.

RAHDE, Maria Beatriz. Origens e evolução da história em quadrinhos. **Revista Famecos**, n. 5, 1996. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2954>>.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia**. UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set. 1975.

REITZ, Joan M. **Dictionary for Library and Information Science**. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2004.

REZENDE, Renata. A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook. **Culturas Midiáticas**, v. 7, n. 2, p. 142-156, 2014. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/24498/13392>>.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006. Disponível em:
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/10636>>.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a Biblioterapia. 2006. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Vale do Rio Doce, Três Corações, MG, 2006. Disponível em:
<http://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/APARECIDA_LUCIENE_RESENDE_ROSA.pdf>.

RYCROFT, Charles. **Dicionário Crítico da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SANTOS, R. Aplicações da História em Quadrinhos. **Comunicação & Educação**, n. 22, p. 46-51, 2001. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995/39717>>.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006. Disponível em:
<<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/452/568>>.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características de produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFSC: Florianópolis, 2005. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101729/220699.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>>.

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, K. M. G.; LENDENGUE, M. L. C. Bibliotecário na formação de leitores em potencial. **Biblionline**, n. esp., p. 92-98, 2010. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/9622/5240>>.

SILVEIRA, J. A.; BORTOLIN, S. A biblioterapia e a Biblioteca Infantil de Londrina. In: **II EPIM**. Marília: Unesp, 2015. Disponível em:
<<http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IIEPIM/IIEPIM/paper/viewFile/27/56>>.

SOBRE o Espaço P.O.P. - BCE. Brasília, 2018. Disponível em:
<<https://www.bce.unb.br/espacopop/sobre-o-espaco-pop/>>.

SOUSA, C.; CALDIN, C. F. Biblioterapia: o quiasma entre as ciências. **Informação & Informação**, v. 22, n. 3, p. 484-501, 2017. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/25790/22743>>.

SOUSA, Carla. Entrevista: Clarice Fortkamp Caldin. **Revista ACB**, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 347-353, jul. 2018. Disponível em:
<<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1502>>.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 673-695, dez. 2018. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>>.

VALENCIA, M. C. P.; MAGALHÃES, M. C. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS**, [S.l.], v. 29, n. 1, fev. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585>>.

VERGUEIRO, W. C. S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, v. 6, n. 2, p. 1-13, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11604>>.

YOUNG, Heartsill. **Glosario ALA de Bibliotecología y Ciencias de la Información**. Espanha: Editorial Díaz de Santos, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário para os usuários do Espaço POP

- Qual seu curso?
- Qual seu semestre?
- Com que frequência costuma utilizar o Espaço Pop?
Diariamente
Uma ou duas vezes por semana
Três ou quatro vezes por semana
Raramente
- Em qual horário mais utiliza?
Pela manhã
Pela tarde
Outro:
- Você considera a localização do Espaço Pop adequada?
Sim
Não
Outro:
- Por que você vai ao Espaço Pop?
- Quais os materiais e atividades disponibilizadas você costuma utilizar?
Histórias em quadrinhos
Jogos
Netflix
Clube de leitura
Outro:
- Você sente alguma transformação emocional depois que utiliza o Espaço Pop? (Ex.: Alívio do estresse cotidiano). Se sim, como se sente?
- Você conhece a Biblioterapia?
Sim
Não
Já ouvi falar
- Você considera o tempo que passa no Espaço Pop como uma forma de terapia?
Sim
Talvez
Não
- Por favor, faça uma avaliação sobre o Espaço Pop, sendo elogios, críticas construtivas, opiniões e formas de melhorar o local.

APÊNDICE B – Questionário para os participantes do HQ Club

- Qual seu curso?
- Em que semestre está?
- Como conheceu o clube de leitura do Espaço Pop?
- Além dos clubes de leitura, com que frequência você utiliza o Espaço Pop?
Diariamente
Uma ou duas vezes por semana
Três ou quatro vezes por semana
Raramente
Vou apenas aos clubes
Outro:
- Você tem o hábito de ler histórias em quadrinhos ou lê apenas para o HQ Club?
Sim
Para o HQ Club
- Você acredita que as HQs podem influenciar as pessoas a começarem a ter o hábito de leitura?
Sim
Não
Outro:
- Como você se sente durante a leitura de HQs?
- Você frequenta clubes de leitura em outros lugares?
Sim
Não
- Para você, as obras utilizadas nos clubes de leitura em que participou trouxeram algum impacto para sua vida? De que forma?
- Você possui conhecimento do que é biblioterapia?
Sim
Não
Já ouvi falar, porém não conheço muito
- Caso sim, descreva de forma breve o que é a biblioterapia para você.
- Você considera que os encontros dos clubes de leitura têm efeitos terapêuticos?
Sim
Não
- Você tem interesse em continuar participando dos clubes de leitura do Espaço Pop?
Sim
Talvez
Não

APÊNDICE C – Entrevista com os responsáveis pelo Espaço POP

1. Como surgiu a ideia da criação do Espaço Pop?
2. Como foi feita a escolha do acervo?
3. Qual o público-alvo do Espaço Pop?
4. Vocês pretendem expandir o local?
5. Quais eventos e atividades o Espaço Pop têm oferecido?
6. Quais foram os desafios enfrentados durante esse primeiro ano do Espaço Pop?
7. Na percepção de vocês, como o local tem influenciado e ajudado os usuários?
8. Qual o *feedback* que vocês têm recebido?

ANEXO

ANEXO A – Plano de ensino da disciplina optativa Biblioterapia oferecida na UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

PLANO DE ENSINO – SEMESTRE 2019.1

1 IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Disciplina: CIN 5032 – Biblioterapia
- 1.2 Carga horária: 36 h/a semestrais; 2 h/a semanais
- 1.3 Oferta: disciplina optativa
- 1.4 Dia da semana: 3a. feira – 18 h 30 minutos a 20 h e 10 minutos
- 1.5 Professora: Clarice Fortkamp Caldin e-mail: clarice.fortkamp.caldin@ufsc.br

EMENTA: Conceitua e apresenta o fundamento filosófico da biblioterapia. Aponta os objetivos e as aplicações da biblioterapia. Apresenta o método biblioterapêutico.

2 OBJETIVOS

1.6 Geral: Capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica.

1.7 Específicos:

- 1.7.1 Apreender o sentido do termo *biblioterapia*;
- 1.7.2 Conhecer o histórico da biblioterapia;
- 1.7.3 Compreender o fundamento filosófico da biblioterapia;
- 1.7.4 Entender os objetivos da biblioterapia;
- 1.7.5 Verificar as aplicações da biblioterapia;
- 1.7.6 Dominar as técnicas do método biblioterapêutico;
- 1.7.7 Aplicar a biblioterapia em diversas instituições com crianças, jovens, e adultos.

3 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1.8 Parte teórica
 - 1.8.1 Conceito
 - 1.8.2 Histórico
 - 1.8.3 Fundamento filosófico
 - 1.8.4 Objetivos
 - 1.8.5 Aplicações
 - 1.8.6 Método biblioterapêutico
- 1.9 Parte prática
 - 1.9.1 Organizar um projeto de atividades biblioterapêuticas
 - 1.9.2 Executar atividades de biblioterapia em instituição previamente selecionada.

4 METODOLOGIA E AVALIAÇÃO

- 1.10 Metodologia: aulas expositivas, dialogadas, leituras, fichamentos, seminário, visitas às instituições, elaboração e execução de um projeto de atividades.
- 1.11 Avaliação:
 - 1.11.1 Participação em sala de aula, leituras, fichamentos, seminário e visitas;
 - 1.11.2 Entrega de um projeto de atividades biblioterapêuticas;
 - 1.11.3 Realização de sessões de biblioterapia nas instituições selecionadas;
 - 1.11.4 Relato oral à classe da experiência das atividades de biblioterapia;
 - 1.11.5 Entrega de um relatório final das atividades realizadas.

Atenção: não haverá prova de recuperação. É indispensável a apresentação do projeto, o desenvolvimento das sessões de biblioterapia e a entrega do relatório de atividades biblioterapêuticas, bem como o relato das atividades à classe.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Marília Amaral Mendes. Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de Biblioteconomia da UNIRIO. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. CBB, p. 1083-1995, 2017. Disponível em: <https://rddb.febab.org.br/rddb/article/view/10121> Acesso em: 21 dez. 2018.

ANDRADE, Lucas Veras. Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128-144, 2018. Disponível em: www.biblionline.ufpb.br Acesso em: 21 dez. 2018.

AZEVEDO, Fernando Fraga; OLIVEIRA, Karla Haydê. Práticas e discursos acadêmicos sobre biblioterapia desenvolvidas em Portugal. **Álabe**, n. 14, p. 1-14, jul./dez. 2016. Disponível em: www.revistaalabe.com Acesso em: 21 dez. 2018.

BERTHOUD, Ella; ELDERKIN, Susan. **Farmácia literária**. Rio de Janeiro; Campinas: Verus, 2016.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 14, out. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 8, p. 10-17, 2003. Disponível em: <http://www.revista.acbsc.org.br/> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 18, 2º. sem. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, año 6, n. 21/22, p. 13-25, Ene./Ago. 2005. Disponível em: <http://www.Bibliosperu.com/arbitraje.shtml?x=43> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewissue.php?id=22> Acesso em: 20 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp, SOUSA, Carla. Sobre a leitura terapêutica. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL, 7., 2016. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: UFSC: UNISUL, 2017. p. 207-215.

DUARTE, Evandro Jair; VIANNA, William Barbosa; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e teoria do efeito estético: diálogos interdisciplinares. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 15-43, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/op2/index.php/pbcib/article/view/41365/20868> Acesso em: 21 dez. 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. A terapia dos contos. In: ESTÉS, Clarissa Pinkola (ed.) **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 11-29.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FONSECA, Karla Haydê; AZEVEDO, Fernando. Biblioterapia: relato de uma experiência no Lar de Idosos em Braga-Portugal. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n.2, p. 381-389, abr./jul. 2016. Disponível em: <http://www.revista.acbsc.org.br/> Acesso em: 20 dez. 2018.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARCIA, Inez Helena. **Biblioterapia**: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das universidades federal e estadual de Santa Catarina. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br> Acesso em: 20 dez. 2018.

GRASSELLI, Letícia Aurora de Almeida; GERLIN, Mari Nadia Marques. Aproximações entre a biblioterapia e o teatro clown: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/11287> Acesso em: 21 dez. 2018.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016.

LAMBERT, Eduardo. **A terapia do riso**: a cura pela alegria. São Paulo: Pensamento, 2007.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, Marília, v. 11, n. 3, p. 53-65, 2017. Disponível em: <https://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/6846>

Acesso em: 21 dez. 2018.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewissue.php> Acesso em: 21 dez. 2018.

MEZALIRA, Claudia Zambeli. **Biblioterapia e a poesia infanto-juvenil**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000010/00001097.pdf> Acesso em: 20 dez.2018.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília m. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PINTO, Virgínia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?scrip=sci_arttex&pid=S0103-37862005000100003&lng=en&nrm=iso Acesso em: 20 dez. 2018.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **R. Esc. Bibliotecon.UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n.2, p. 198-214, set. 1975.

REIS, Maire Barra Rosa. Biblioterapia e a mediação de textos na escola e no consultório. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: SECIN, 2016. p. 217-228. Disponível em: www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/view/330 Acesso em: 20 dez. 2018.

SANTOS, Andréa Pereira dos; RAMOS, Rubem BorgesTeixeira; SOUZA, Thais Caroline Silva. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte-americanas. **R. Eletron.Comun. Inf. Inov. Saúde**, v. 11, n. 2, p. 1-15, abr./jun. 2017. Disponível em: www.reciis.icict.fiocruz.br Acesso em: 21dez. 2018.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói: Ed. do Autor, 2014.

SOUZA, Carla [SILVA, Carla Sousa da]. **Biblioterapia no Brasil e na Polônia**: distâncias e aproximações a partir da literatura científica. 2017. 193 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/> Acesso em: 20 dez. 2018.

SOUZA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Conto de fadas também é coisa de gente grande: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa

Catarina, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 548-563, ago./nov. 2017. Disponível em: <http://www.revista.acbsc.org.br/> Acesso em: 20 dez. 2018.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: o quiasma entre as ciências. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 33, p. 484-501, set./out. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informação> Acesso em: 20 dez. 2018.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: ENANCIB, 2016. p. 1-20. Disponível em: www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016 Acesso em: 04 fev. 2018.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e hermenêutica: revisitando Gadamer e Ouaknin. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n.2, p. 186-200, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3197>. Acesso em: 21 dez. 2018.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: WITTER, Geraldina Porto. (org.). **Leitura e psicologia**. Campinas; Alínea, 2004. p. 182-198. (Coleção Psicotemas).

CRONOGRAMA

Conteúdo	dia/mês	c/h
Apresentação do plano de ensino Conceito de biblioterapia Histórico	12/mar.	2
Fundamento filosófico, Objetivos da biblioterapia Aplicações da biblioterapia	19/mar.	2
Método biblioterapêutico	26/mar.	2
Leitura de textos, debates e fichamentos de textos.	0	2
	2	2
	/	
	a	
	b	
	r	
	.	
	0	
	9	
	m	
	a	
	r	
	.	
SEMINÁRIO (baseado nas referências de artigos online)	16/abr. 23/abr. 30/abr.	2 2 2
Organização de um pré- projeto de atividades Biblioterapêuticas	07/maio	2
	14/maio	2
Visita à instituição selecionada	15, ou 16, ou 17 de maio (em horário diurno)	2

Elaboração do projeto	21/maio	2
Assessoria ao projeto	28/maio	2
Atividades de biblioterapia	04/jun.	2
	11/jun.	2
	18/jun.	2
Entrega do Relatório impresso e Relato das atividades à turma	25/jun.	2
Média final	02/jul.	2

Atendimento na sala 205 do bloco C do CED, toda terça-feira, 17h30.